

CIBEC/INEP



B0018654

Os Xacriabá

**tempo passa
e a
história
fica**



.722(=081)

38t

Presidente da República:

Fernando Henrique Cardoso

Ministro de Estado da Educação e do Desporto:

Paulo Renato Souza

Secretário Executivo:

Luciano Oliva Patrício

Secretária de Educação Fundamental:

Iara Glória Areias Prado

Diretora do Departamento de Política da Educação Fundamental:

Virgínia Zélia de Azevedo Rebeis Farha

Coordenadora Geral de Apoio às Escolas Indígenas:

Ivete Maria Barbosa Madeira Campos

Equipe Técnica:

Deuscreide Gonçalves Pereira, Deusalina Gomes Eirão, Andréa Patrícia Barbosa de Carvalho, Cristiane de Souza Geraldo.

Comitê de Educação Escolar Indígena:

Iara Glória Areias Prado-Presidente, Susana Martelleti Grillo Guimarães, Meiriel de Abreu Sousa, Luís Donisete Benzi Grupioni, Sílvio Coelho dos Santos, Aldir Santos de Paula, Rosely Maria de Souza Lacerda, Jadir Neves da Silva, Darlene Yaminalo Taukane, Alice Oliveira Machado, Valmir Jesi Cipriano, Algemiro da Silva, Nietta Lindemberg Monte, Bruna Franchetto, Terezinha de Jesus Machado Maher, Nilmar Gavino Ruiz, Marivânia Leonor Furtado Ferreira, Júlio Wiggers, Álvaro Barros da Silveira, Gersen José dos Santos Luciano e Walderclace Batista dos Santos.

Publicação financiada pelo MEC - Ministério da Educação e do Desporto, dentro do Programa de Promoção e divulgação de Materiais Didático-pedagógicos sobre as Sociedades Indígenas, recomendada pelo Comitê de Educação Escolar Indígena.

o
tempo
passa
e
a
história
fica

Textos e Ilustrações

Professores Xacriabá

O T E M P O P A S S A

E A H I S T Ó R I A F I C C A

SEE-MG/MEC

1997

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS

SECRETÁRIO: JOÃO BATISTA DOS MARES GUIA

PROGRAMA DE IMPLANTAÇÃO DAS ESCOLAS INDÍGENAS DE MG

COORDENADORA: MÁRCIA MARIA SPYER RESENDE

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Maria Inês de Almeida

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA:

Maurício Gontijo

Vitor Ribeiro

José Israel Abrantes

CONSULTORIA ANTROPOLÓGICA

Ana Flávia Moreira Santos

CAPA: Marcelo Pereira de Souza

TEXTOS E ILUSTRAÇÕES: Professores indígenas Xacriabá, em formação no Programa de Implantação das Escolas Indígenas de Minas Gerais

BELO HORIZONTE, 1997 - 1ª EDIÇÃO

ÍNDICE

Prefácio

Parte I: O tempo passa e a história fica	9
Poesia	11
Prosa: A peleja	31
Xacriabá	31
Parte II: Nossas histórias são um paraíso	49
As três irmãs	51
Tibicuera	53
Iaiá Cabocla	54
A onça cabocla	55
O galo e a raposa	56
Antigamente, quando Jesus andava pelo mundo	57
O almoço	58
A galinha risonha	59
Histórias do bobo	60
Dois bodes brigavam	61
A mãe d'água, Uiara	62
Os dois compadres	63
O tatu e a raposa	64
O neguinho do pastoreio e o fazendeiro cruel	65
O tatu	66
Jeca Tatu	68
A onça e o coelho	69
O coelho e a raposa	73
Redemoinho	75
História de como começou o mundo	76
A aranha	78
Parte III: Histórias dos antepassados	81
Vocabulário	95

Prefácio

Durante dois anos, os professores Xacriabá em formação, no Programa de Implantação das Escolas Indígenas de Minas Gerais, realizaram uma pesquisa, nas suas aldeias, sobre as tradições de seu povo. Esse trabalho resultou na escrita de três tipos de texto:

— Narrativas, em verso, de acontecimentos e fatos importantes na vida da comunidade Xacriabá: a luta pela posse da terra, a morte do líder Rosalino, a formação dos professores.

— Narrativas, em prosa, do massacre ocorrido em 1987, na aldeia Sapé, no município de São João das Missões, quando Rosalino Gomes de Oliveira, pai do professor José Nunes de Oliveira, foi assassinado.

— Coletâneas de contos tradicionais, que pertencem ao extenso universo ficcional do sertão mineiro, transmitidos, oralmente, de geração a geração.

Os textos foram escritos num esforço conjunto dos professores, que ouviram, gravaram e traduziram, na forma escrita, histórias e casos dos seus pais, avós, tios, enfim, daqueles que detêm os saberes tradicionais na aldeia.

Pela escrita, eles pretendem constituir, esteticamente, novas imagens de sua comunidade. Escrever, para eles, é antes o ato político de dar um sentido para sua existência, junto à sociedade brasileira.

Se os Xacriabá perderam, à força, sua língua, agora eles se apoderam da língua portuguesa, dando-lhe uma entonação cabocla.

Como pesquisadores e professores das escolas Xacriabá, estes novos autores apontam para uma outra cena literária: a produção comunitária do livro, livre do princípio da autoria, enraizada na oralidade. A grafia como um gesto de reafirmação da força política de quem, na conquista do próprio território, transforma as penas em poesia:

Para isso eu dou terras,
p'ros índios morar
Daqui para Missões
cabeceira de Alagoinhas
Beira do Peruaçu até as Montanhas
p'ra índio não abusar de fazendeiro nenhum
eu dou terra com fartura p'ro índio morar.
A missão para a morada
O brejo para o trabalho
Os campos gerais para as meladas e caçadas
B as margens dos rios para as pescadas.
Dei, registrei, selei
Pago os impostos
Por cento e sessenta réis

Assim é que traduziram, em versos, um documento. Um dia, no Curso de Formação, no Parque Rio Doce, estávamos lendo *O que é literatura*, de Marisa Lajolo (Coleção Primeiros Passos, Editora Brasiliense). Creuza Nunes Lopes, professora Xacriabá, foi encarregada de transmitir oralmente aos colegas os resultados da sua leitura, suas reflexões sobre o tema tratado no livro. O que ela fez? Foi lá na frente da turma e declamou versos que eram, literalmente, o texto ensaístico de Marisa Lajolo. A turma aplaudiu. Nós, professoras da UFMG, entendemos finalmente que a leitura é também a tradução do texto em uma cadência, um ritmo que não é outro senão o da tradição poética à qual pertencemos. Assim, a História, a Geografia, a Literatura, a Filosofia, as Ciências Naturais, a Matemática, vão entrando pelos ouvidos e saindo em ritmo Xacriabá, em forma de livros para serem lidos em voz alta, decorados, recontados, em volta de uma fogueira, nas noites bonitas do cerrado, ou, quem sabe, numa boa sala de aula.

Maria Inês de Almeida
Profa, de Literatura Brasileira na UFMG

1- MARIZ, Alceu Cotia (et alii). 1982. Relatório de viagem à área Indígena xacriabá FUNAL P.16

Caro leitor, foi pensando em você e em nosso povo, que escrevemos o livro *O tempo passa e a história fica*. Nós queremos, através dele, lhe contar um pouco de nossa história. Este livro é muito importante porque fala dos acontecimentos e das histórias reais.

José Nunes de Oliveira

Texto e ilustração: José Nunes Oliveira
Domingos N. Oliveira



POESIA

Aproveitando do belo dia que está hoje, eu gostaria de lhes contar uma história.

Conheci uma vez uma árvore de tamanho meio exagerado, a qual abrigava muitos pássaros. Mas um certo dia apareceram umas pragas para destruir a árvore. Os pássaros se reuniram e disseram:

— Não podemos deixar que as pragas destruam a nossa árvore. Onde vamos encontrar outro abrigo, o fruto para comermos?

Então um grande pássaro que havia entre eles disse:

— Vocês tomem conta da árvore e eu vou procurar ajuda. Procurou, procurou até que encontrou um borrifador que acabou de vez com as pragas, dando de volta a vida da árvore.

Que nome poderemos dar aos personagens da história?

À grande árvore, eu daria o nome de Reserva indígena do Xacriabá. Aos pássaros, eu daria o nome de índios Xacriabá. Às pragas, eu daria o nome de posseiros, invasores de terra.

Ao grande pássaro, eu daria o nome de Manuel Gomes de Oliveira (Rodrigo).

Ao borrifador, eu daria o nome de Fundação Nacional do índio, FUNAI.

Mas, agora, vamos contar essa história diferente, vamos contar ela mais ou menos em versos rimados.

Meu caro leitor amigo
leia bem sem soletrar
coloque a mão na cabeça
pra melhor mentalizar
o triste padecimento
dos índios Xacriabá.

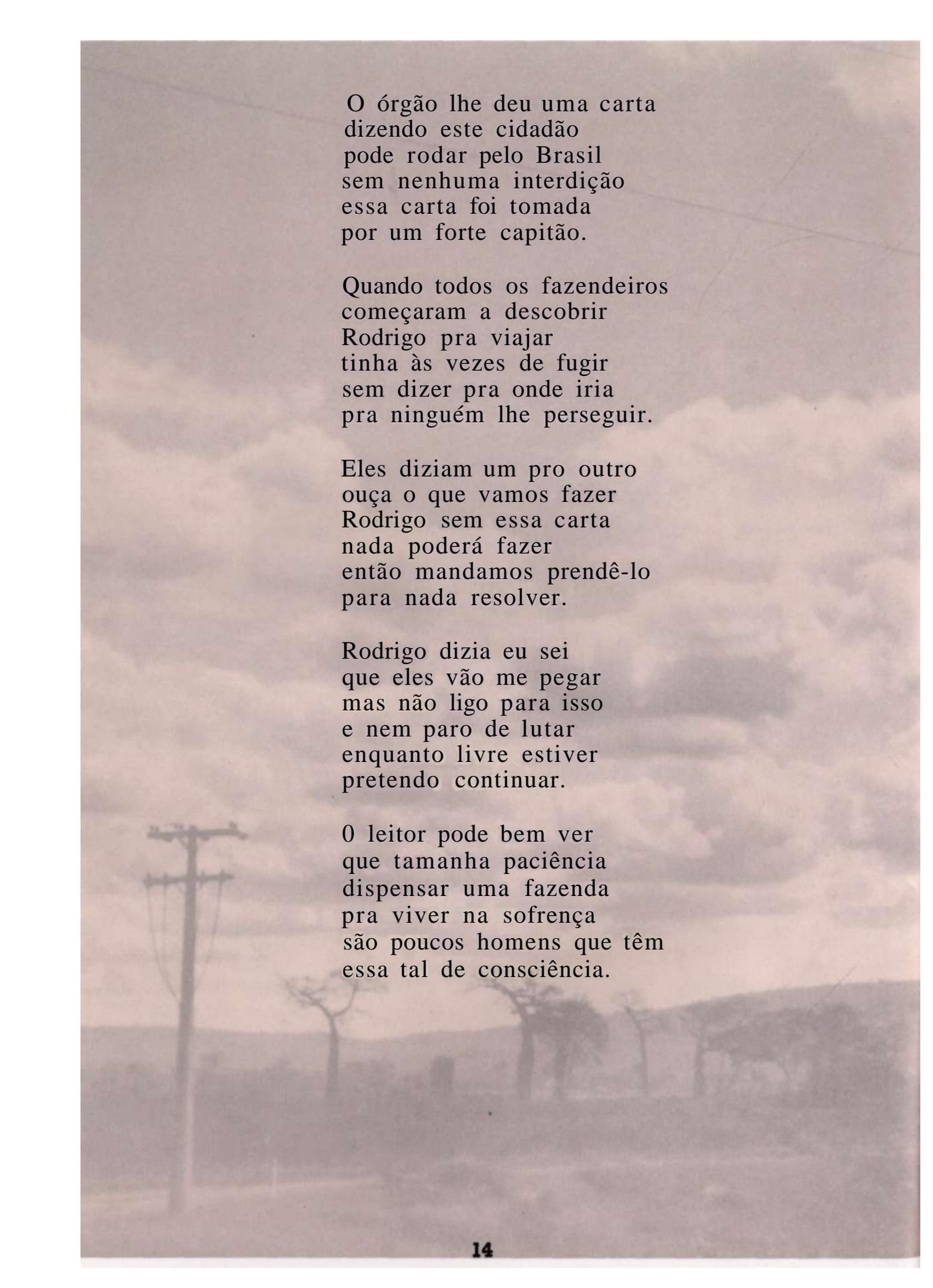
Muito tempo esses índios
sofrem de decepção
grileiro tomando terra
formando perseguição
pra acabar com os índios
e tomar conta do chão.

Mas como a terra é sagrada
tinha uma doação
marcando todo limite
que pertencia à nação
e por capricho da sorte
se encontra em boa mão.

As boas mãos que eu falo
do cacique Rodrigão
que lutou todo esse tempo
tendo até perseguição
muitos lhe deram fazendas
pra deixar o seu irmão.

Mas ele não aceitava
a oferta que lhe fazia
e continuou lutando
pra ver o que acontecia
no peito uma esperança
de bom resultado um dia.

Foi quando teve notícia
de um tal SPI
procurou denunciar
todas invasões daqui
da área Xacriabá
perto de Itacarambi.



O órgão lhe deu uma carta
dizendo este cidadão
pode rodar pelo Brasil
sem nenhuma interdição
essa carta foi tomada
por um forte capitão.

Quando todos os fazendeiros
começaram a descobrir
Rodrigo pra viajar
tinha às vezes de fugir
sem dizer pra onde iria
pra ninguém lhe perseguir.

Eles diziam um pro outro
ouça o que vamos fazer
Rodrigo sem essa carta
nada poderá fazer
então mandamos prendê-lo
para nada resolver.

Rodrigo dizia eu sei
que eles vão me pegar
mas não ligo para isso
e nem paro de lutar
enquanto livre estiver
pretendo continuar.

O leitor pode bem ver
que tamanha paciência
dispensar uma fazenda
pra viver na sofrença
são poucos homens que têm
essa tal de consciência.

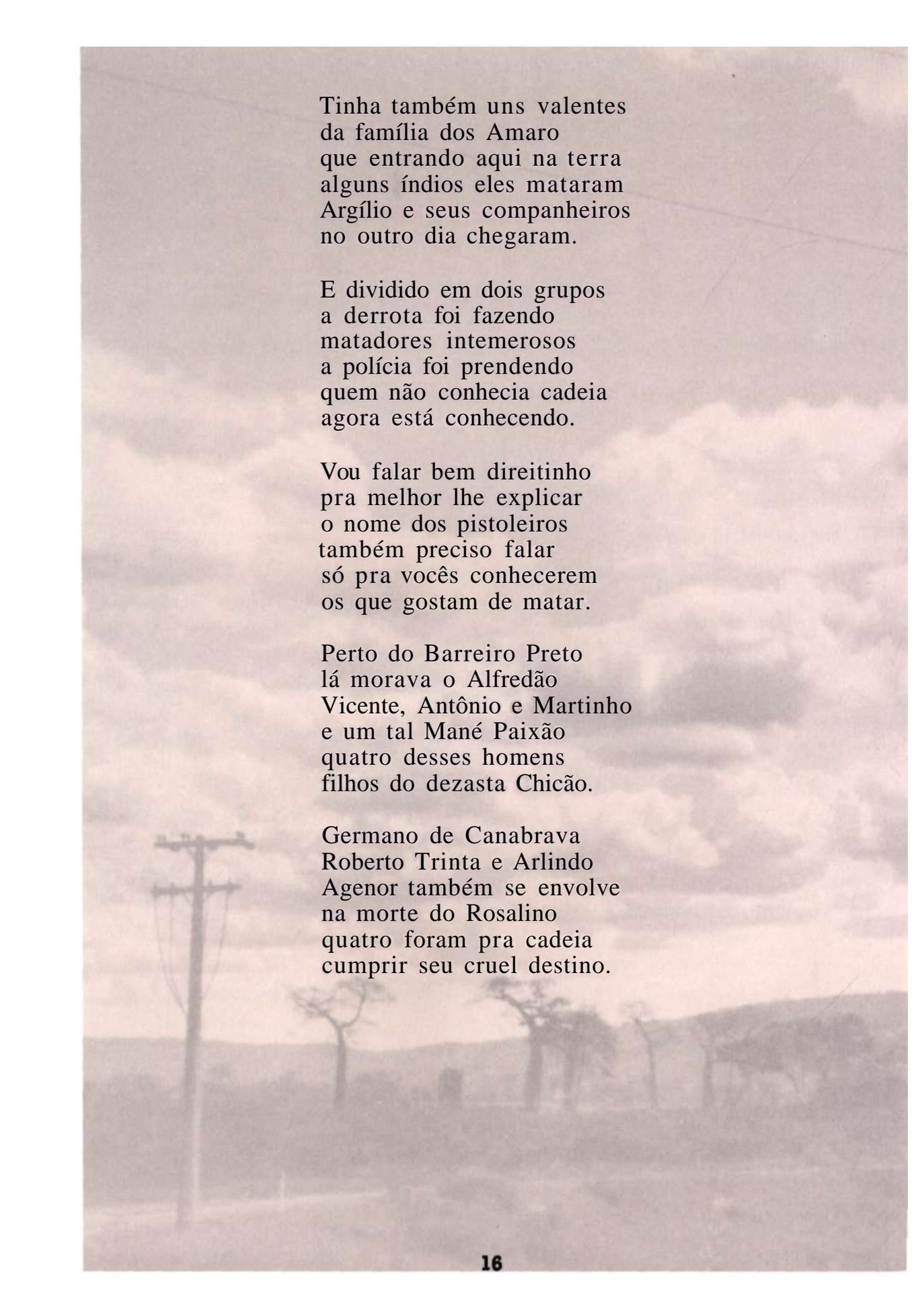
Mas que luta desastrosa
desse pobre cidadão
andou até mal vestido
e às vezes de pé no chão
só pra tomar nossas terras
da unha do tubarão.

Um tal Bida a chamado
foi o primeiro posseiro
que entrou dentro da área
com o bolso cheio de dinheiro
fazendo muita desordem
provocando o desespero.

Quando ele aqui chegou
com sua grande agonia
queria toda a terra
que por aqui existia
porém os Xacriabá
contra ele resistia.

Por ser bem conhecido
como rico cidadão
adquiria o direito
de trazer para o sertão
a polícia destemida
pra fazer judiação.

A casa desse bandido
era como um quartel
foram detidos Rodrigo
Laurindo, Emílio e Miguel
a polícia por dinheiro
desapoiou verdadeiro
para dar apoio a réu.



Tinha também uns valentes
da família dos Amaro
que entrando aqui na terra
alguns índios eles mataram
Argílio e seus companheiros
no outro dia chegaram.

E dividido em dois grupos
a derrota foi fazendo
matadores intemerados
a polícia foi prendendo
quem não conhecia cadeia
agora está conhecendo.

Vou falar bem direitinho
pra melhor lhe explicar
o nome dos pistoleiros
também preciso falar
só pra vocês conhecerem
os que gostam de matar.

Perto do Barreiro Preto
lá morava o Alfredão
Vicente, Antônio e Martinho
e um tal Mané Paixão
quatro desses homens
filhos do dezasta Chicão.

Germano de Canabrava
Roberto Trinta e Arlindo
Agenor também se envolve
na morte do Rosalino
quatro foram pra cadeia
cumprir seu cruel destino.

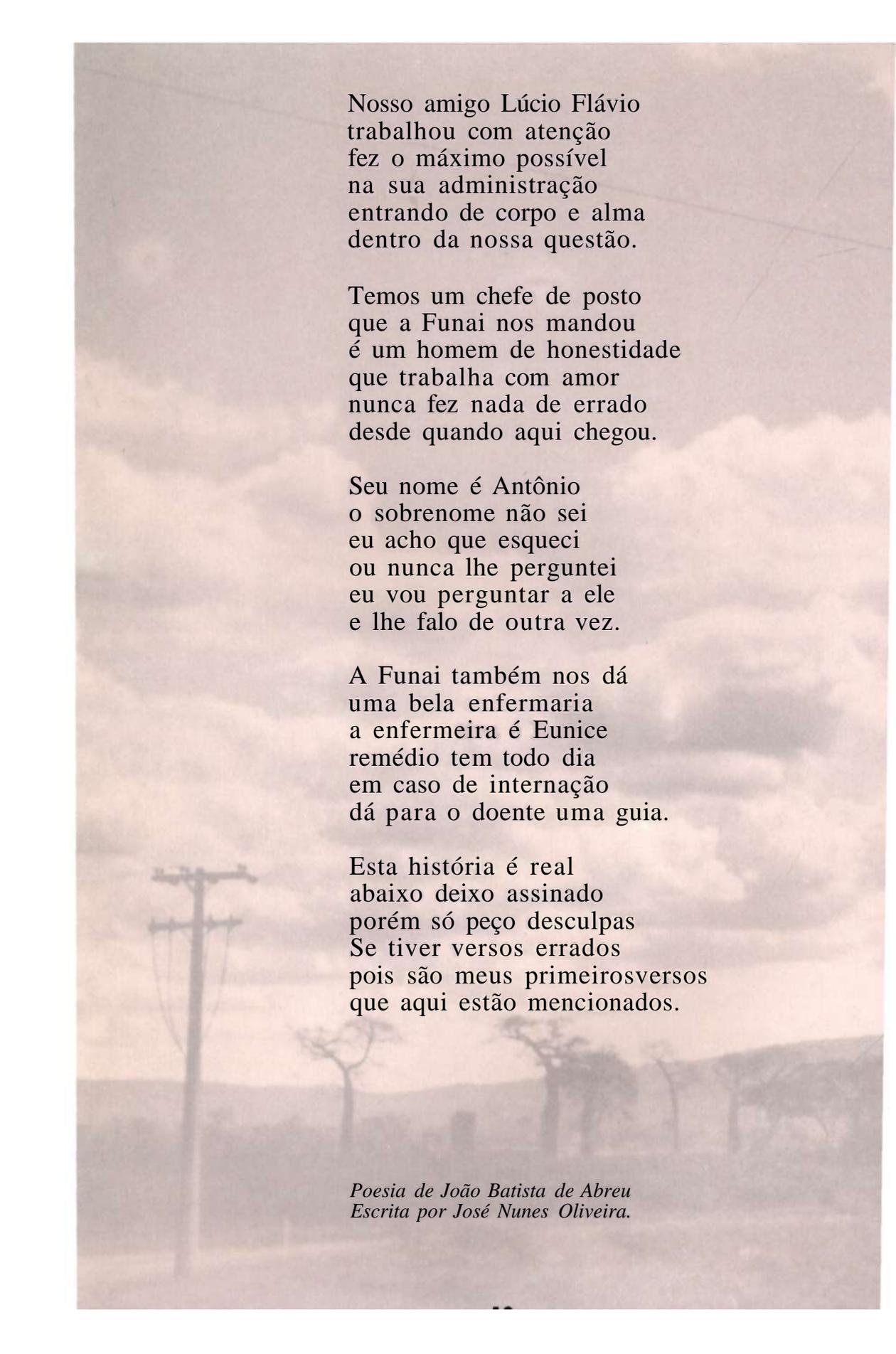
Depois de todo o conflito
que o tiroteio parou
morto bem perto da estrada
se encontrava o Agenor
a força das leis divinas
sua sentença assinou.

Com a morte do Rosalino
nós ficamo' em desespero
o presidente da Funai
veio nos visitar ligeiro
tomou logo providência
pra indenizar os posseiros.

Pomares, cercas e casas
que dos posseiros ficaram
a Funai não quer pra ela
e para o cacique falou
que distribuísse tudo
prós índios trabalhadores.

A Funai por sua vez
fez papel de escoteiro
pra fazer a indenização
gastou um rio de dinheiro
mas trouxe a tranqüilidade
indenizando os posseiros.

O Incra e a Ruralminas
também me deixaram contente
pois na hora do sufoco
eles estavam com a gente
fazendo muito esforço
trabalhando alegremente.



Nosso amigo Lúcio Flávio
trabalhou com atenção
fez o máximo possível
na sua administração
entrando de corpo e alma
dentro da nossa questão.

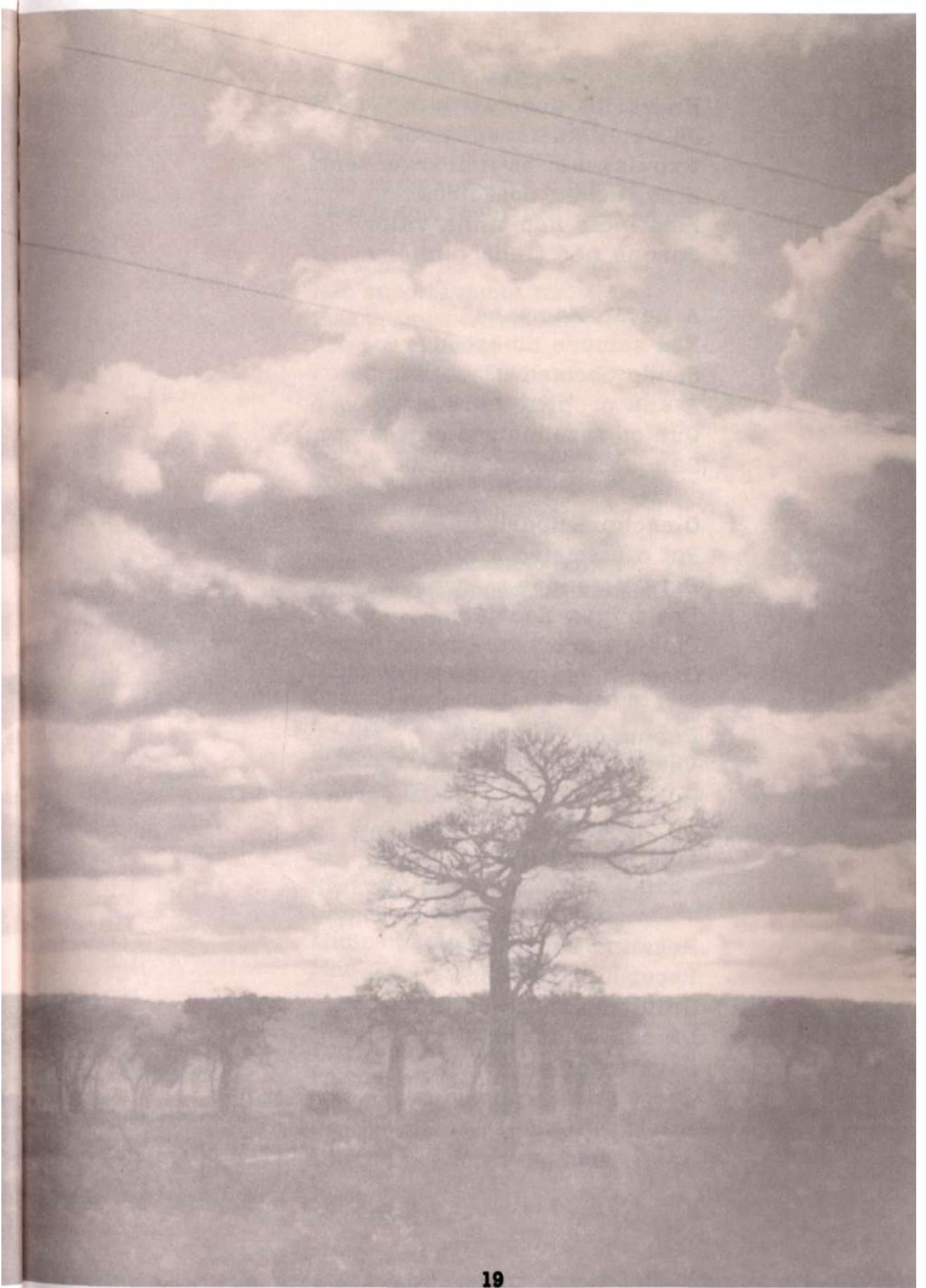
Temos um chefe de posto
que a Funai nos mandou
é um homem de honestidade
que trabalha com amor
nunca fez nada de errado
desde quando aqui chegou.

Seu nome é Antônio
o sobrenome não sei
eu acho que esqueci
ou nunca lhe perguntei
eu vou perguntar a ele
e lhe falo de outra vez.

A Funai também nos dá
uma bela enfermaria
a enfermeira é Eunice
remédio tem todo dia
em caso de internação
dá para o doente uma guia.

Esta história é real
abaixo deixo assinado
porém só peço desculpas
Se tiver versos errados
pois são meus primeiros versos
que aqui estão mencionados.

*Poesia de João Batista de Abreu
Escrita por José Nunes Oliveira.*



Há vários anos atrás
Já existiam fazendeiros
Expulsavam os índios da terra
E se faziam posseiros
Pois índio não tinha valor
Porque não tinha dinheiro.

A nação Xacriabá
Era sempre ameaçada
Sendo obrigada a deixar
A sua própria morada
Que os fazendeiros obrigavam
Sair sem direito e nada.

O cacique Rodrigão
Foi o primeiro a lutar
Para defender a terra
Dos índios Xacriabá
Pois o índio tem que ter
O seu lugar pra morar.

Depois do Rodrigão
Veio também Rosalino
Que com muita garra e força
Lutou contra os assassinos
Pois um dia queria ver
Todo o seu povo sorrindo.

Rosalino como cacique
Recebeu autoridade
Uniu com todos os índios
Da sua comunidade
Para retomar a terra
Que é nossa felicidade.

Sou filho de Rosalino
E testifico a você
Que o meu pai nos dizia
Que um dia iria morrer
Mas ia deixar livre a terra
Para o seu povo viver.

No ano de 86
Nao suportávamos mais
Pois éramos agredidos
Até por policiais
Porém não desanimamos
Aí que lutamos mais.

Foi quando os fazendeiros
Tomaram uma decisão
Se matarmos Rosalino
Tomaremos conta do chão
Mas houve completo engano
A terra ficou em nossas mãos.

O meu nome é Domingos
Filho de Rosalino
Quando aconteceu a tragédia
Eu era ainda menino
Presenciei a morte do meu pai
Cometida pelos assassinos.

Os assassinos que eu falo
São um bando de pistoleiros
Eram 16 pessoas
Do primeiro ao derradeiro
Muitos não foi por querer
Mas por força do dinheiro.

Irei relatar pra você
Tudo que aconteceu
Pois eu sou um daqueles
Que lá sobreviveu
Não porque eles quiseram
Mas foi por força de Deus.

No ano 87
Dia 12 de fevereiro
Ali chegou Seu Amaro
Junto com seus pistoleiros
Quebrando todas as portas
E fazendo um tiroteio.

É muito triste esta história
Mas não consigo esquecer
Sabe o que é você deitar
Depois não amanhecer
Com o seu querido papai
Que tanto amou a você.

Já era umas 2 horas
Ao romper da madrugada
Chegaram aquele povo
Sem ter pena de nada
Fez um grande tiroteio
Até minha mãe foi baleada.

A mãe que eu falo é Anísia
Esposa de Rosalino
Que quando saiu foi detida
Pelos malditos assassinos
Que enquanto ela chorava
Eles estavam sorrindo.

O meu pai desesperado
Ma porta ele apontou
Foi quando foi baleado
Eu não sei quem o matou
Só sei que naquele momento
O meu coração cortou.

Com a morte do meu pai
Eu fiquei desesperado
Mas não podia correr
Porque eu estava cercado
Por aqueles pistoleiros
Que estavam todos armados.

Mas nosso Deus é tão justo
E sempre nos amou
No meio do tiroteio
Acertaram o Agenor
Era um dos pistoleiros
Que morto ali mesmo ficou.

Naquele mesmo momento
O pistoleiro parou
Pra ver o que aconteceu
Com seu amigo Agenor
Foi quando saí correndo
E fui avisar meu avô.

Quando eles perceberam
Que alguém tinha fugido
Me deram vários tiros
Que balas zuaram no ouvido
Porém não me acertaram
Pois Deus estava comigo.

Esta história aqui ficou
Mais ou menos na metade
Mas tudo que está escrito
É tudo realidade
Mataram meu pai
Sem haver necessidade.

A história é muito grande
Dá pra você perceber
Porém o tempo não deu
Pra mim pensar e escrever
Mas no próximo livro
Contarei tudo a você.

Apesar do que aconteceu
Não perdi minha esperança
Agora já estou casado
Tenho esposa e duas crianças
Pra quando eu também morrer
Eles ficar na lembrança.

Aos professores indígenas
Aqui de Minas Gerais
Vão firme para o futuro
E não olhem para trás
Tentem restaurar para nós
As tradições de nossos pais.

Agradeço a meu irmão José
Por ter me ajudado
Colocando a minha história
No seu livro publicado
E a todos os leitores
Deixo meu muito obrigado.

Domingos Nunes de Oliveira



C.I. de Rosalino Gomes de Oliveira



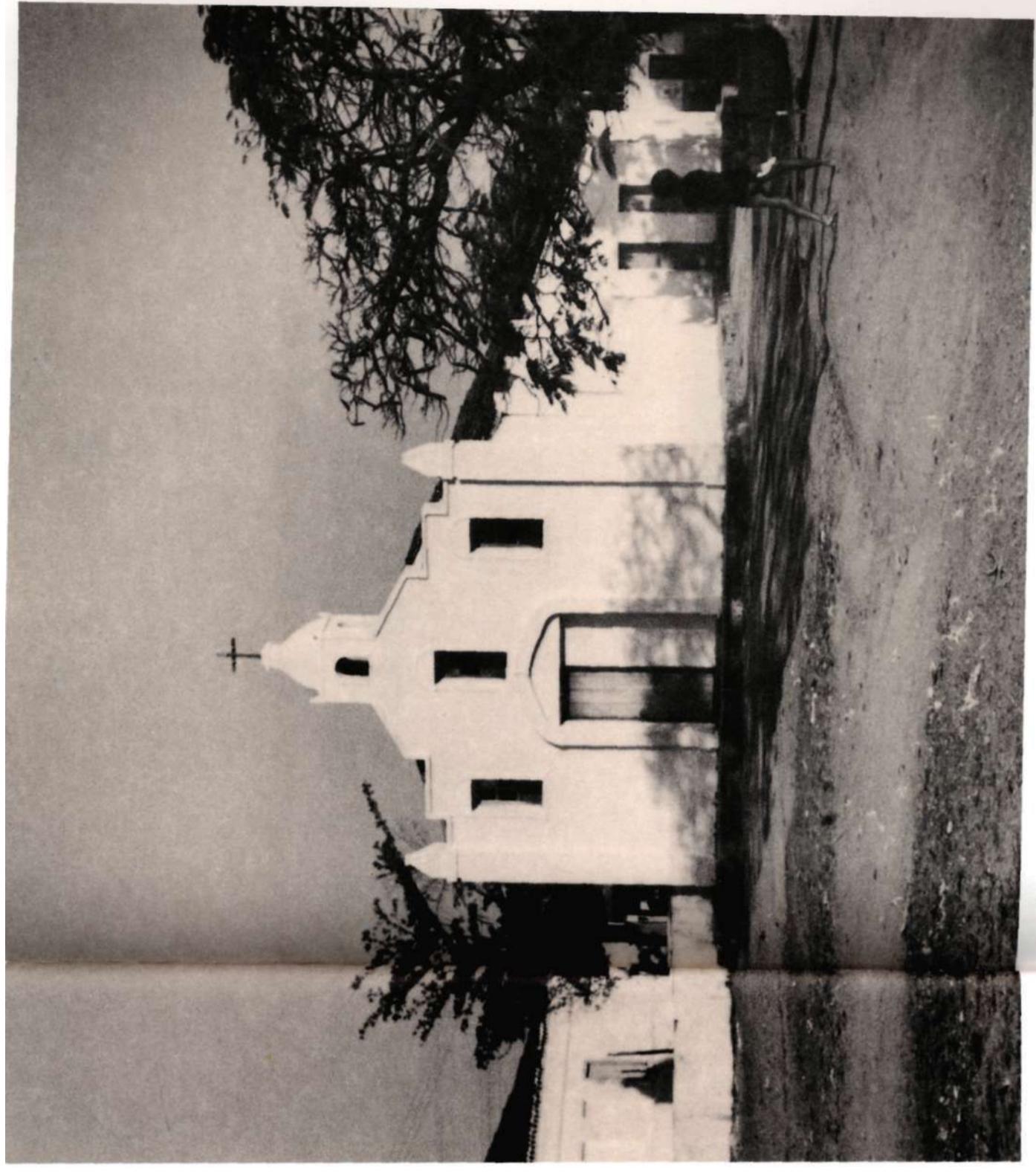
João, Gilmar e José Nunes, da família de Rosalino Gomes de Oliveira.

Alfabetizar em face do destino

Nosso curso vai passando
Por uma grande reforma
O tempo dos analfabetos
Está saindo fora de forma
Com os costumes antigos
hoje ninguém se conforma.
É tanto que nós professores
escrevemos em cima da linha
num parque reservado
perto de uma cidade vizinha.
Quem não conhece diz logo
ser conto da carochinha
Pois Deus, deu-se diversos casos
Que como recordações
ainda hoje revivemos
pelas florestas dos sertões
com uma lembrança eterna
plantada nos corações.
Portanto eu vou contar
uma história das boas
do tempo dos analfabetos
nos sertões de Alagoas.
Uma época que no passado
comoveu várias pessoas
Assim até que chegou
aquela sublime hora
de nascer o nosso curso
lindo como a Deusa Flora.

Vimos as luzes do nosso mundo
já ao romper da aurora
ao saberem nossos pais
dizem com alegria:
Eu não posso lhe formar
mas desejo felicidade
até o final do dia.
A gente lá no curso
não perdia uma lição
queridos dos professores
e dos irmãos no sertão
nós rezamos todos os dias
pra conseguir a formação
a gente aos seis meses
em nossa área aprendia
com Zé Luís e Ana Flávia
do A E H já sabia
Até dos primeiros livros
Muitas coisas resolvia
Mas a secretaria resolveu
o nosso estudo aumentar
voltamos ao Rio Doce
para a gente estudar
em um colégio interno
daí até se formar
E quando passavam as férias
a gente contente vinha
Estagiar com os alunos
Que na nossa área tinha
E explicar as matérias
Das que mais nos convinham
Porém nossos pais sabendo
Cada vez mais amavam
Quanto mais nos explicavam
Mais a paixão aumentava
E indiferentes
Deles nada suspeitavam.

Ao sair da nossa área
Pelo cacique foi avisado
Que iam para um colégio
Onde ficavam internados
Só vinham em casa com um mês
Até que fossem formados.
Logo se arrumaram
Enfrentando certo risco
Se despediram dos pais
Seguiram pelo aprisco
Numa cidade que dava
No rio de São Francisco
Da cidade até o rio
Era uma légua boa distante
Aonde ficava uma balsa passante
A balsa estava um pouco à toa
Nós embarcamos nela,
Dizendo: Deus nos perdoa...
Abrindo os panos desceram
Levados pelos "Terrar"
Passando de meia-noite
Começamos a cochilar
Porque o "Nordeste" veio
Ajudá-los a viajar
Alguém que não acredite
Leia o livro e se conforme
Muitos casos são passados
Enquanto a justiça dorme
Alfabetizando os analfabetos
Dos fracos para os valentes
A diferença é enorme.



João Pereira Santos

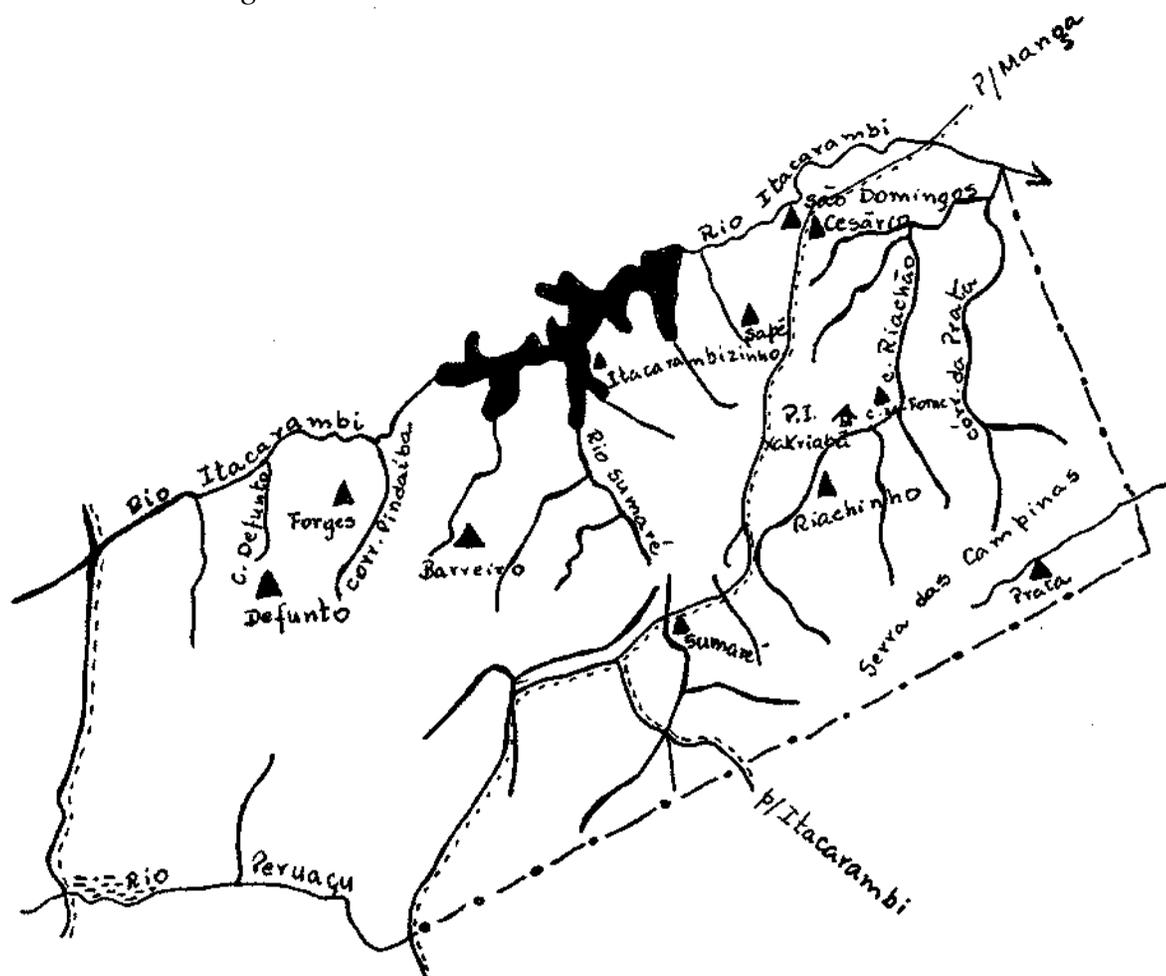


Prosa

A peleja Xacriabá

Das palavras mais bonitas
o Rosalino falou:
"Eu prefiro ser adubo mas
sair daqui não vou".
Ele morreu pra ser adubo
pra justiça da fulô.

Território Indígena Xakriabá



Legenda

- Terra Indígena Demarcada
- ↑ Posto Indígena Xakriabá
- ▲ Aldeia Indígena
- ~ curso d'água permanente
- Rodovia de revestimento solto
- - - Alagado
- Represa

Os Xacriabá vivem em uma reserva demarcada pela Funai, 46 mil hectares de terras, às margens do rio Itacarambi, no município de São João das Missões, no norte de Minas. Vivem da agricultura de subsistência e da criação de gado.

A reserva é constituída de cerca de quase 30 aldeias afastadas entre si e dirigidas por um cacique-chefe. Cada aldeia tem seu representante, eleito pelos próprios índios, e as sucessões são hereditárias. As mulheres cuidam dos trabalhos domésticos e ajudam os homens a trabalharem na terra e a cuidarem dos poucos animais.

Os Xacriabá vivem cercados por fazendas e pelos projetos da Sudene.

A Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco, CODEVASF, construiu uma barragem no rio Itacarambi para uma hidrelétrica, que alagou uma área de 70 hectares da reserva.

Castigados pelas inconstâncias do clima, os Xacriabá, como todos os habitantes da região, índios ou não, permanecem na terra durante o inverno, quando plantam e colhem com relativa fartura. Mas, no verão, muitos são obrigados a sair, em busca de trabalho nas fazendas do sul do Estado de São Paulo.

Dentro da reserva, existe um posto da Funai, instalado na década de 70, para coordenar as aldeias. Ele serve como ponto de referência para os índios. O chefe do posto, cacique e lideranças trabalham juntos, trocando informações.

"CERTIDÃO VERDUM ADVERBUM

FRANCISCO NUNES PACHECO ESCRIVÃO DE PAZ E OFICIAL DO REGISTRO CIVIL?VITALÍCIO, do distrito e município do Itacarambi ,Estado de Minas Gerais,Republica Federativa do Brasil,na forma de lei etc.

CERTIFICA a solicitação de Interessado,que revendo em seu cartório os livros de notas desse, em um desses de numero dez (10) as fls- 88 ^o encontrou a seguinte publica forma,do teor seguinte: Publica Forma de uma doação do teor seguinte: n 11 R.160 Pagou cento e secenta reis 0 P 25 do Setembro de 1056 Silva Reis Januário Cardoso de Almeida Brandão deministrador dos índios da Missão do Snr S. João do Riixo do Itacaruabi Ordena o Cap, Mandante Domingos Dias junte todos os índios tantos maxos como fêmeas Q" andarem por fora pa ad-missão com zello o cuidado. os que forem rebeldes fará prender com cautela parahirem para ad-missão Copio e Chrstão e zello, 'andando -lhe ensinar a Doutrina pellos os q- mais soberem os doutrinatos que vivão bem e se casem os Mancebados não sendo impedimento ou avendo impedimento fazendo se caze com outro q não tenha impedimento fazendo os trabalhare p- terem qi comer e nao furtarem e o q_ for rebelde a esta dutrina que expendo neste papel os prenderá castigará como merecer sua culpa e quando cascar algum insolente ou levantado fará prendellos o trezellos a m presca para lhe dar o castigo conforme merecer porque feito tenho ordem de q_ pode para castigar e prendellos e tirar o abuso de serem bravios e espero do Cap assim o faca como asim determino e do contrario por ele e pelos 'mais e isço dei terra com cobra para não andarem para as fazenda alheia do Riixo do Itacaramby acima ate as cabiceiras e vertentes e vertentes e descanco extremado na Cerra Geral para a parte do precauçu extremado na Boa Vista onde desagua para lá e para cá e por isso deilhe Terra com Ordi da nossa Magestade ja assim não Podem andarem pelas fasendas alheias incomodando os fazendeiros — missoes para morada o brejo para trabalharem Fora os gerais para a suas cassada e meladas.Arraial dos Morinhos 10 de Fevereiro de 728 digo de 1728. ADiministrador Januário Cardoso de Almeida Brandão (002 o sinal publico).Era o que continha na doação que me foi apresentada,qual para aqui trasladei fielmente como nella se continha e declarava ,do que dou fé,isto feito,perante duas testemunhas o que fielmente foi lida e confirmada a realidade do que tudo,continha a mesma, Assignando as testemunhas e o apresentante, o presente termo de transperição de publica forma, isto, perante mim escrivão ,que o Dscrevi e assigno e dou fé",em testemunho:(sinal publico)de verdade) raso que uso em publico.Resalvo entre linha,que diz que expendo - neste papel os prenderá, que dou fé. Eu Francisco Nunes Pacheco,escrivão do Paz e oficial do registro Civil Vitalício o escrevi dou fé ,e assigno (a) Francisco Nunes Pacheco. Sobre selos "aa" Itacaramby, 28 de fevereiro de 1931 Apresentante: Salomé de Paula Santiago . testemunhas Adolpho José de Oliveira e João Rocha Era o que continha no livro e fls que para aqui t r u s l a d e i presente certidão de Publica forma verbum- Adverbum e na escrita original transcrita que conse- tei em datilografia o presente traslado e dou fé em testemunho de verdade. Sem selos para efeito social Nacional

Itacarambi, 5 de junho de 1969


Tabelião, Francisco Nunes Pacheco

Rosalino, como vice cacique, foi o primeiro a morrer.

O crime contra os Xacriabá aconteceu no dia 12 de fevereiro de 1987, na aldeia Sapé, reserva indígena, hoje município de São João das Missões, no norte de Minas.

Um grupo de grileiros, liderados por Francisco de Assis Amaro, invadiu a aldeia, se identificando como homens da polícia federal. Dividiram-se em dois grupos, arrombaram a casa do vice-cacique Rosalino Gomes de Oliveira, por volta das 2 horas da madrugada, iniciaram o tiroteio. As balas atingiram Rosalino mortalmente. Sua esposa Anísia Nunes, grávida de dois meses e ferida com um tiro no braço, abraçou a filha Rosalina, de dois anos de idade, e saiu para fora do barraco. Picou sentada no terreiro, por ordem dos pistoleiros. Queriam ver agora se Rosalino, líder dos Xacriabá, estava mesmo morto. Os pistoleiros já saíam, mas ninguém tinha coragem de voltar para casa.

Com dois revólveres apontados para a cabeça, José Nunes de Oliveira, de 10 anos, filho de Rosalino, foi obrigado a arrastar o corpo ensangüentado do pai, do quarto onde foi fuzilado à queima roupa, até a porta do barraco. Franzino, o pequeno José não agüentava o peso de Rosalino e chorava. Os pistoleiros ameaçavam de novo: *Vamos arrebentar seus miolos se não arrastar seu pai para fora da casa.*

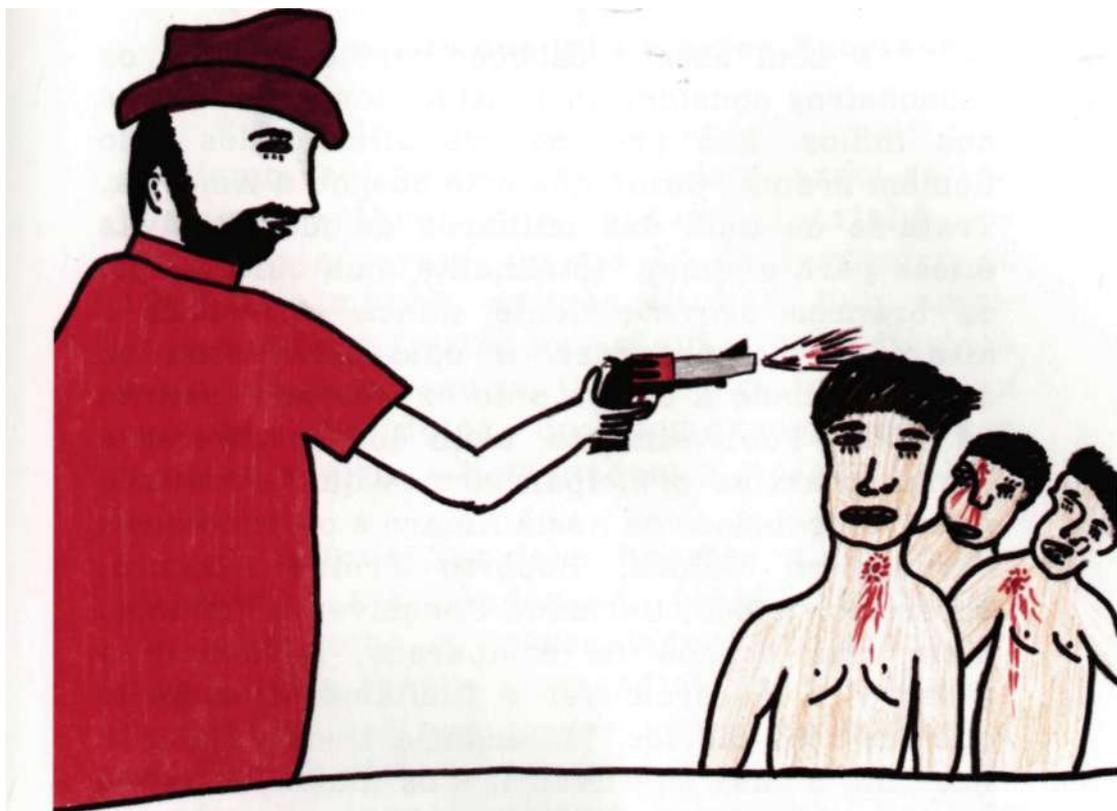
Anísia, a mulher de Rosalino, suplicava ao filho para que chegasse ao final. Com as duas mãos, José segurou firme o braço de Rosalino e puxou o pai. Alguns minutos depois, Rosalino estava ao lado de Santana, morto também. Os pistoleiros gritaram de alegria e deixaram a aldeia. Antes, ameaçaram voltar.

O tiroteio despertou a atenção do índio Manuel Fiúza da Silva, que correu até a casa do cacique para verificar o que estava acontecendo, mas foi atingido pelos tiros e morreu a caminho do hospital.

Durante todo o período, os grileiros usaram pseudônimos. Entretanto, os nomes reais só foram pronunciados diante da constatação de que Agenor Nunes Macedo, um dos grileiros, também havia sido morto no tiroteio, pelos próprio companheiros dele. Os tiros vinham de diversos pontos diferentes, o que dificultava a identificação dos agressores.

As investigações da chacina seguiram-se a passos lentos. Desde o início, Francisco de Assis amaro foi apontado como líder e principal responsável pelo ato criminoso. No entanto, sua prisão só aconteceu oito dias após a chacina e cinco depois de expedido o mandato de prisão. Transferido para a Superintendência da Polícia Federal, em Belo Horizonte, ele foi assistido imediatamente por advogados.

Os pedidos de "habeas corpus" foram negados no Supremo Tribunal Federal e o ministro Francisco de Assis Toledo enquadrou o grileiro por crime de genocídio, numa decisão inédita na justiça brasileira, baseada numa lei de 1952. Os assassinos dos Xacriabá ainda foram enquadrados em outros artigos do código penal, por homicídio qualificado, formação de bandos ou quadrilhas e invasão de domicílio durante descanso noturno.



*Três índios morrem em invasão da aldeia.
"O grileiro Amaro comanda o massacre."*

Quando um índio Xacriabá sorrir para você, está na hora de começar a chorar. A frase é uma forma encontrada pelos fazendeiros da região de Manga, Itacarambi, Januária e Montalvânia, para disseminar entre a população preconceitos contra os 6 mil Xacriabá que habitam a reserva de 46 mil hectares demarcada alguns anos atrás pela FUNAI, a 800 km de Belo Horizonte. E o preconceito vai mais além: são rotulados facilmente, na região, de impostores, aproveitadores, comunistas, e até de dar abrigo a bandidos condenados, para não falar na tradicional alcunha de preguiçosos.

É com esse arcabouço ideológico que os fazendeiros consideram legítimo tomar as terras dos índios. São preconceitos alimentados pelo homem branco, desde que este chegou à América. Trata-se de uma das milhares de justificativas éticas para dizimar totalmente uma cultura que os brancos provavelmente nunca estiveram à altura de compreender. O ódio atravessou os séculos, aliado à cobiça e ao exarcebado instinto de posse. Possivelmente, além dos revólveres e fuzis, foram as principais armas que levaram o grileiro Francisco de Assis Amaro e os pistoleiros Claudomiro Vidoca, Roberto Freire Alkimin, Sebastião Vidoca, Germano Gonçalves e Venâncio mais uma dezena de comparsas, a invadir a reserva, e a promover o fuzilamento sumário que fez três mortes. Mataram a tiros o cacique Rosalino Gomes de Oliveira, e os índios Manuel e José Santana.

De qualquer forma, a situação do índio brasileiro, principalmente das tribos mineiras, vai continuar difícil. Ele permanece com as feições heróicas e bonitas, mas apenas nas histórias nobres dos livros de José de Alencar, aliás, consideradas como obras obrigatórias nas escolas, e até mesmo nas poucas salas de aula implantadas nas aldeias. E os Xacriabá, em Minas Gerais, são um doloroso exemplo, com suas histórias de lutas contra as opressões dos fazendeiros. Tantas batalhas consumiram suas forças, suas terras e, pior, sua própria história.

Segundo relato do cacique Rodrigo, apenas em 1979, nosso povo teve devolvido seu verdadeiro nome Xacriabá. Foi quando conseguimos, com ajuda de indigenistas, identificar traços de parentescos com os Xavantes da Amazônia.

O sepultamento dos três mortos Xacriabá.

Entoando cânticos, alimentados pelo sincretismo religioso, onde misturaram-se os dogmas católicos e a cultura Xacriabá, os índios enterraram, no dia 13 de fevereiro de 1987 pela manhã, as três vítimas. Num ambiente solene e triste, havia entre os índios um sentimento de revolta. O massacre transtornou centenas de índios, que compareceram para prestar a última homenagem a Rosalino, José e Manuel.

O cacique Xacriabá Rodrigo mantinha-se silencioso. Ele ponderava, junto aos demais índios da tribo, a necessidade de permanecermos calmos frente à tragédia: *nenhuma medida radical vai nos ajudar agora*, salientava o cacique. Porém, nem assim conseguia reduzir o grau de inconformismo e revolta. Rodrigo chegou a admitir, para um agente federal, que a situação era incontrolável, podendo surgir a qualquer momento novo conflito.

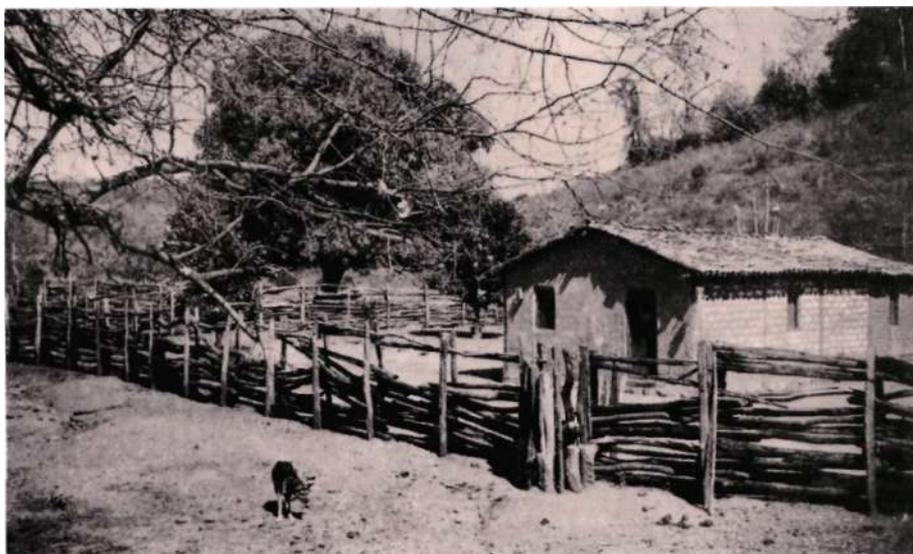
Segundo a tradição Xacriabá, Rosalino, José e Manuel foram sepultados próximos de suas casas. Um Xacriabá assassinado não pode ser enterrado muito longe de sua casa.

Em Itacarambi, o pistoleiro Agenor Nunes Macedo, um dos quinze que participaram da chacina do Sapé, foi sepultado no cemitério local.

Chocado com o triplo homicídio, o bispo de Januária, Dom Anselmo Miller, defendeu o direito dos índios em relação à terra, considerando a chacina como "um ato de vandalismo e vingança".

O "bispo alertou as autoridades para a questão da reserva Xacriabá, ressaltando que o problema somente teria uma solução definitiva, a partir do momento em que os posseiros fossem assentados em Mocambinho, local próximo do Projeto Jaíba, no norte de Minas.

Avalizando a posição do bispo, o secretário do Trabalho e Ação Social, Mário Ribeiro, em visita a Montes Claros, comentou que o descaso do INCRA, ao não promover o imediato assentamento dos posseiros, era uma das causas desse conflito.



A Peleja Xacriabá

No início do século XX, entre 1906 e 1910, as nossas terras já estavam sendo invadidas pelos brancos (fazendeiros). A reserva ainda não era demarcada e eles tinham proteção das autoridades. Os brancos não respeitavam os direitos e enganavam os índios, compravam suas terras e pagavam com objetos de pequeno valor. Os índios, muito simples, vendiam suas terras, sem pensar que mais tarde isso viria a prejudicá-los.

Em 1918 e 1920, muitas pessoas de fora já estavam infiltrando em nosso meio, querendo roubar nossa identidade indígena, forçando os índios a abandonar sua língua e seus costumes e falar o português, que é linguagem do branco.

Em 1960, o cacique Manuel Gomes de Oliveira iniciou seu trabalho em defesa de nossos direitos, foi a Brasília e a vários outros lugares, para procurar uma solução de amenizar aqueles problemas, que estavam acontecendo na reserva Xacriabá.

Em 1969, a Ruralminas passou a cobrar dos índios uma taxa de ocupação. Disseram que aqueles que não pagassem seriam expulsos de suas terras. Muitos índios tiveram que vender até alguma vaca, para dar subsistência a suas famílias, para pagar essa taxa de ocupação. Caso contrário, tinham que abandonar suas terras.

Em 1974, a FUMAI instalou um posto na área para dar assistência aos Xacriabá.

Em 1979, a área foi demarcada, e, em 1987, homologada e oficializada, reduzindo drasticamente a área a que tinham direito os índios, com 46 mil hectares, o que corresponde a um terço das terras ocupadas anteriormente.

Segundo o Conselho Indigenista Missionário-GIMI, os Xacriabá da região do norte de Minas possuíam um documento da coroa portuguesa, que lhes cedia uma área calculada aproximadamente em 130 mil hectares de terra. Este documento foi entregue à FUNAI, que demarcou a área em 1979 (pouco mais de 46 mil hectares), e só em 87 foi homologado pelo Conselho de Segurança Nacional. Nesse período, havia 89 famílias de posseiros vivendo dentro da reserva Xacriabá. Após a chacina dos três índios, essas famílias foram retiradas da reserva e levadas para trabalharem no Projeto Jaíba.

Desde que o imperador Dom Pedro I transformou a área em região de proteção e usufruto dos índios Xacriabá, há mais de um século, cultivar costumes indígenas passou a resultar em prisão ou até morte. A terra de abrigo dos indígenas era bem maior que a demarcada pela FUNAI. OS Xacriabá dominavam, há séculos, terrenos muito mais amplos, e contemplavam facilmente grandes porções do rio São Francisco. Épocas de abundância para a tribo. O homem branco era hostil, mas ainda distante.

Com o povoamento do norte mineiro, vieram as estradas, os posseiros e os grileiros. O medo das tocaias e das emboscadas levaram os Xacriabá, antes unidos/a dispersão, num processo contínuo. Como raça vencida, buscaram absorver traços dos brancos como forma de sobrevivência. Um meio de evitar a luta secular contra um inimigo cada vez mais numeroso, adversário vingativo e cruel. O homem branco: o animal mais feroz que a tribo conheceu. O bicho mais apavorante que assustou todo o povo Xacriabá.



Amaro foi preso.

Aos 48 anos de idade, acusado, julgado e absolvido por dois assassinatos em Itacarambi, indiciado por dano contra a união, invasão de terras, receptação de gado roubado, formação de quadrilha e emboscada, e apontado como o mandante da chacina no dia 12 de fevereiro de 1987, o cearense Francisco de Assis Amaro, no dia 20 de fevereiro de 1987, pisou pela primeira vez em uma delegacia.

Preso no centro de Montalvânia, norte de Minas, depois de uma engenhosa operação montada pelo delegado federal Agílio Monteiro Pilho, Amaro foi levado direto para o aeroporto da fazenda Cauê, a poucos quilômetros da cidade.

Ele foi levado de avião para Belo Horizonte, onde foi preso no Departamento de Polícia Federal. *Nunca pisei em uma delegacia*, gabou-se ele ao delegado Monteiro, durante a viagem. Poucas horas depois, estava na cela do subsolo do prédio do DPF, no bairro Luxemburgo.

Apontado como um dos maiores grileiros de terra indígena Xacriabá, o fazendeiro Francisco Amaro chegou à região em 1962, vindo da cidade cearense de Jardim. Em poucos anos, já era um homem rico, aumentando seu patrimônio de terras às custas da manutenção de pequenos posseiros dentro da reserva indígena.

Decisão

Em decisão inédita, o Tribunal Federal de Recursos-TFR, no entanto, não só manteve a competência da justiça federal, já que os índios são protegidos pela união e estão em terras federais, como o ministro Francisco de Assis Toledo enquadrou os acusados pela prática de crime de genocídio, aplicando pela primeira vez a lei federal nº 2889/56, que ratifica um tratado internacional assinado pelo Brasil e onde é previsto o crime de genocídio. A pena aplicável neste caso é de 16 a 40 anos de reclusão.

Genocídio

Desde 1980, foram assassinados vários índios, por disputa de terras dentro da reserva, sem que nenhuma providência fosse tomada pelas autoridades policiais. Os pistoleiros e mandantes circulavam pela cidade impunemente, incentivando a extinção dos Xacriabá.

A ação dos grileiros era capitaneada pelo prefeito de Itacarambi, José Ferreira de Paula, e os empresários Manuel Caribe Filho, Aécio Pereira Costa, Paulo Roque e outros, que tinham interesse nas terras indígenas.

A história nossa é bastante comprida, daria para fazer muitos livros, se fosse contada desde o começo. Muitas coisas aconteceram. Desde 1979, sempre muitas agonias: perseguição, perturbação, grilação de terras e extermínio.

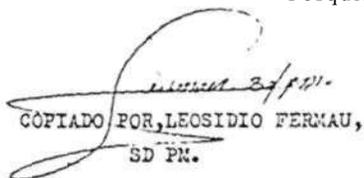
APW - Seção Provincial, LIVROS PAROQUIAIS - CODIO" 107

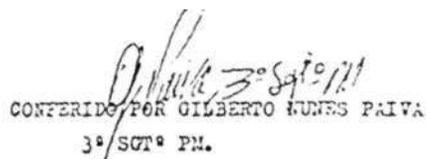
FL. 22 - Registro do terras do propriedade de VICENTE FERREIRA DE SOUZA

- "... o possuidor do uma sorte do terra na Fazenda do Itacarambi em comum com outros possuidores, ouja Fazenda extrema da Barra do Itacarambi rio acima ao Riacho se da MISSÃO DOS INDIOS , e do outro lado Riacho seco acima ate extrema dos Alkmin, neste municípios e freguesía de / Nossa Senhora do Amparo..."- datada da 28 de dezembro de 1856.

Fl 65v° Aos dezenove dias do men do abril de mil oitocentos e cinquenta e seis nesta Vila Januaria compareceu Eugênio Cosmos de Oliveira pedindo quo registrasse o seu exemplar o qual o faço pela forma e maneira seguinte - Eugênio Cosmes de Oliveira por si e por TODOS OS INDIOS QUE MORAM NO SÃO JOÃO DA MISSÃO declara que possuem desde o Riacho do Itacarambi acima até a cabeceira vertentes o descanso, (sic), extremado na Serra geral, e para parte do Peruguaçu extremado na Boa Vista, onde desagua para cá, como os ditos Indios por ordem do Sua Majestade Januário Cardoso de ALMEIDA Brandão, e ditas é neste município e freguesia. Vila Januária dezessete de abril de mil oitocentos o cinquenta o e seis. Eugênio Gomes do Oliveira- Nada mais ouve o declarante declarar eu Timóteo Francisco da Costa escrevendo ' do Páraco o esorevi."

Pesquisa do Silvio Gabriel Diniz


COPIADO POR, LEOSÍDIO FERNAU,
3º PM.


CONFERIDO POR GILBERTO NUNES PAIVA
3º SGTº PM.

CONTADAS POR:

Antônio Ferreira do Nascimento
Calmecita Nunes da Mota
Dominga Xacriabá
João da Cota
José Carlos
Maria das Mercês Caetano
Maria Pereira da Conceição
Maria Pinheiro das Neves
Roberto Gomes
Selestina Cardoso dos Santos

ESCRITAS POR:

Alice Almeida Mota
Alvina Pereira de Souza
Alvina Rodrigues
Anide de Araújo Souza
Antônio Guimarães
Cilene A. dos Santos
Creuza Nunes Lopes
Eunice Canabrava Lopes
Giovana Paula
Jeuzani Pinheiro dos Santos
João Pereira dos Santos
José Alves de Barros
José dos Reis Lopes da Silva
José Nunes de Oliveira
Marcelo P. de Souza
Maria Aparecida Nunes Barbosa
Maria Francisca Caetano
Maria de Lourdes C. Oliveira
Rosa Ferreira Gama
Rosenir Gonçalves Neves



PARTE II

**Nossas
histórias são
um paraíso**

José dos
Reis
Xacriaba

Leitor, tenho certeza que, ao ler este livro, você vai gostar muito. Ele mostra traços das histórias e culturas do nosso povo, que trazemos guardados em nossas mentes, como uma forma cultural.

Estaremos usando este livro na alfabetização de nossas crianças indígenas, que terão uma escola diferenciada, intercultural e bilíngüe.

Mas ele poderá ser usado pelos não índios também, para que possam conhecer um pouco da nossa história e cultura.

As três irmãs

Um pai que tinha três filhas. Duas casaram e uma não casou. Duas eram bonitas e uma era feia. Um dia ela deitou na cama. Quando foi bem tarde, o pai dela ouviu:

— Rum, oi, oi.

O pai dela perguntou:

— O que foi Silivana?

— Nada não, meu pai.

No outro dia, ela já inventou uma música:

— Duas se casaram, eu, por ser a mais "bonita e a mais formosa, que fiquei sem casar.

De manhã cedo, o pai dela mandou os negros chamarem todos os homens e rapazes, para Silivana escolher qual o que servia pra ela se casar. Ela olhou todos os homens e rapazes, não achou nenhum que engraçasse ela, e começou a cantar:

— No meio de tantos homens, não achei nenhum que me engraçasse, só achei Condão da Lapa, que tem mulher e filho.

O pai dela mandou:

— Vai, negro, fala com Condão da Lapa que mate D. Condência, pra ele casar com Silivana.

Silivana subiu logo no palácio, batendo o sino, dando sinal que D. Condência tinha morrido. Quando o negro chegou lá, D. Condência começou a cantar:

— Não me mate, nem de facaria nem de tiraria, me mate de toalha que é uma morte de fidarguia.

Ele apertou duas vezes. Quando ele soltou um pouquinho, ela cantou:

— Oh, meu Deus, o que seria que o sino bateria, quem será que morreria, pra ser minha companhia?

Quando ele ia apertar de novo, o negro veio correndo e falou:

— Condão da Lapa, não mata dona Condência, não, que Silivana caiu do palácio e morreu. Os passarinhos já passaram cantando, *istum tum tum tum tum. Quebra bunda, relógio.*



Tibicuera

Nasceu numa taba da tribo Xacriabá, sei que foi numa meia noite clara, fazia luar. A mãe viu que o menino era magro e feio. Ficou triste, mas não disse nada. Meu pai resmungou:

— Pilho fraco não presta para a guerra.

Pegou o menino e saiu caminhando para a beira do córrego. Ia cantando uma canção triste, que me dava vontade até de morrer. De vez em quando gemia. Os caminhos estavam molhados e escorregamos nas águas da chuva. Um bicho começou a gemer no meio do mato escuro. Uma sombra rodopiou rápido entre as árvores. O córrego estava barulhento, porque tinha chovido bastante naqueles dias.

O pai parou e olhou primeiro para o filho, depois para as ondas. Não teve coragem. Voltou para a taba chorando. A mãe nos recebeu em silêncio.

Passadas algumas luas, numa tarde, o menino ia caminhando na cintura de sua mãe, e o pajé da tribo fez eles pararem em frente da sua oca. Olhou para o menino, viu que ele era magro e feio.

Examinou-o da cabeça aos pés, sorriu e disse:

— Tibicuera!

O nome pegou bem. Tibicuera, na língua dos Xacriabá, quer dizer cemitério. O nome assentava bem porque ele era magro e chorão.

Iaiá Iaiá Cabocla

Tinha um homem na aldeia Prata, ele falava que não tinha medo da Iaiá Iaiá Cabocla. Ele tinha criação de gado e falava que, se ela matasse gado dele, ele cortava ela no facão. Justamente, bem na frente da casa dele, tinha um cercado de pasto.

Um dia, ela matou um garrote dele que tinha a idade de dois anos. Então ele, pra se ver livre, foi preciso ir até a casa do Estevão Gomes, que naquele tempo era, dos índios, e que tinham um relacionamento mais íntimo com a Iaiá Iaiá Cabocla, e só ele controlava ela.

Depois que aconteceu isso este homem nunca mais falou mal dela, porque podia ser punido.



A onça cabocla

Aqui na nossa aldeia tem uma cabocla índia. Ela é uma onça, mas ela é uma índia encantada. Ela conversava com os índios mais velhos que já morreram. Conversava com Estevão Gomes. Ele já faleceu, mas meus tios ainda viram ele. Ele é irmão do avô da minha mãe, um homem que chamava Adrião. Estevão Gomes, quando via gente de fora na aldeia, o cabelo dele arrepiava. Meus tios conheceram a onça. De vez em quando ela assoviava. Os índios mais velhos entendiam, sabiam que ela estava querendo fumar. Eles iam colocar fumo para ela, mas não viam e nem conversavam com ela. Era só o Estevão Gomes. Abaixo de Deus, ela é a defesa da nossa aldeia.

Estevão Gomes era homem apurado e adivinhão. Ele pediu um filho da cunhada, mas ela não ia dar. Ele só fez dar uma risada e não falou nada. Depois o menino faleceu. Estevão Gomes falou pra ela:

— Oh, minha comadre, eu bem que pedi o menino, você não quis dar. Eu sabia que ele não ia viver, porque eu tinha visto ele chorar na sua barriga. Eu sabia e você não sabia.

Estevão Gomes era índio e adivinhão, conversava com a cabocla índia, que é a defesa da nossa aldeia. Nós não vemos ela, mas direto ela vive no meio de nós.



O galo e a raposa

Era uma vez um galo velho mateiro. Percebendo a aproximação de duas raposas, empoleirou-se nas árvores, e a raposa desapontada murmurou consigo:

— Deixa estar seu malandro, que já te curam!

E em voz alta:

— Amigo, venho contar uma grande novidade. Acabou-se a guerra entre os animais, lobo e cordeiro, gavião e pinto, onça e viado, raposa e galinha, todos os bichos andam agora de mãos e beijos como namorados. Desça desse poleiro e venha receber o meu abraço de paz e amor!

— Muito bem! Exclamou o galo. — Não imagina como tal notícia me alegra! Que beleza vai ficar o mundo, tempo de guerra e traições! Vou já descer para abraçar a amiga raposa, mas___ como lá vem vindo três cachorros, acho bom esperá-los para que eles também tomem parte da confraternização.

Ao ouvir falar em cachorros, dona Raposa não quis saber de história e tratou de por-se à fresca, dizendo:

— Felizmente, amigo Co có có có tenho pressa e não posso esperar pelos amigos cães. Fica pra outra vez a festa, sim? Até logo.

A esperteza contra esperteza e meia. O galo foi mais esperto do que a raposa, pois ele, sabendo que ela tem medo de cachorro, falou que vinham três cachorros, aí ela não esperou.

Antigamente, quando Jesus andava no mundo

Ele andava, mas um dos apóstolos dele era São Pedro. Ele passou por uma casa, tinha uma mulher xingando, mas o coração dela estava contrito a Deus, aí ele abençoou a mulher. Eles pegaram a caminhar. Lá na frente, encontraram uma outra mulher rezando no cemitério, e o coração dela estava mal. Jesus excomungou ela, mas São Pedro falou:

— Ora, Jesus, aquela mulher estava xingando, o senhor não excomungou!

Aí, Jesus respondeu a São Pedro:

— Não, Pedro, aquela estava xingando mas o coração estava em Deus, e esta está rezando, mas o coração dela está mal, não está contrito a Deus.

Continuaram a caminhar, depois encontraram uma festa de casamento, e São Pedro, muito do teimoso, falou com Jesus que eles podiam ficar na festa, e Jesus falou:

— Não, Pedro, essa festa não vai dar em nada que presta.

Pedro:

— Não, Jesus, vamos ficar.

Jesus:

— Moço, não adianta.

São Pedro teimou, eles ficaram.

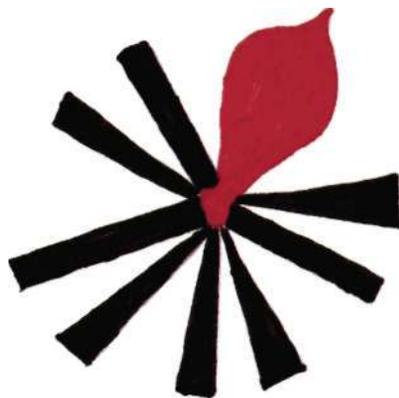
Deitaram perto do terreiro, São Pedro estava na frente de Jesus. O povo deu de brigar, teve um dos brigadores que mandou um pau em São Pedro.

Aí, São Pedro:

— Vamos, Jesus, aqui teve foi bom.

E Jesus:

— Eu falei pra você.



O almoço

Um dia um menino me contou que conhecia um senhor, que todo dia que ele ia para a roça, mandava a mulher mandar a onça comer ele.

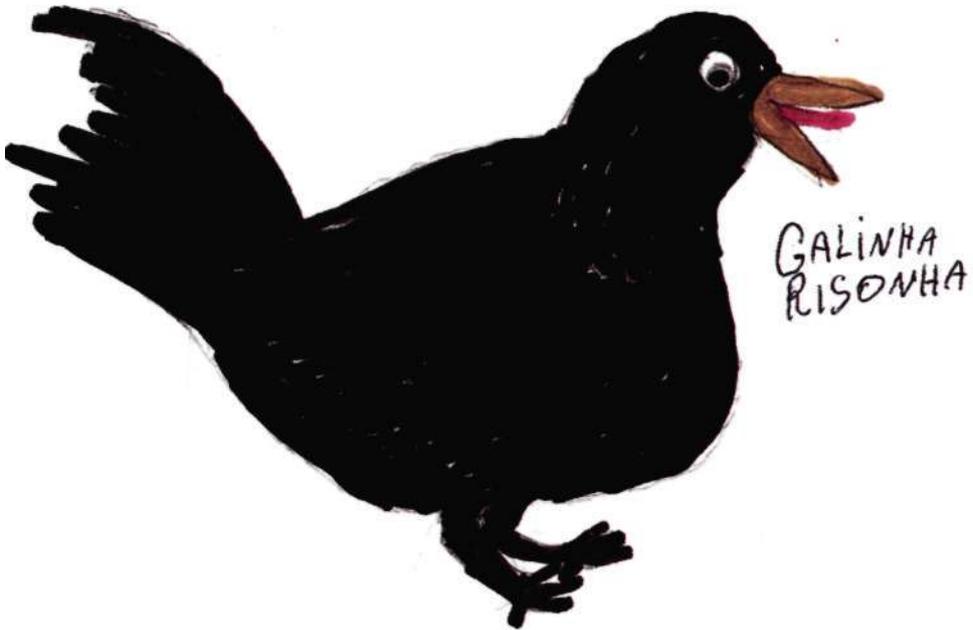
— Como é isso mesmo, menino?

— É. Toda vez que ele vai pra roça, ele fala: "Mulher, um dia você manda *aonço* pra me comer". A mulher fica perguntando: "Pra mandar a onça te comer?", "Não, é pra mandar *aonço* pra me comer".



A galinha risonha

Conta um senhor que lá na travessa do rio Barra do Sumaré, quando ele atravessava o rio à noite, avistou uma galinha d'água sorrindo. Disparadamente, galinha d'água é um pássaro conhecido na região. Ele disse que ela sorria tanto, que ele não entendia nada, pois nunca tinha visto galinha sorrir. Que susto ele passou!



História do bobo

Era uma vez, um besta que o pai dele mandou andar para conhecer e saber conversar. Aí ele chegou num lugar onde tinham uns caras matando um porco, e ele falou:

— Não mata o bichinho não, coração mal.

E os caras responderam:

— Esse homem é besta. É pra falar: mata que como.

Ele falou:

— Agora já sei.

Aí o bobo andou e chegou numa cidade onde tinham uns caras brigando. Ele chegou e falou:

— Mata que eu como.

Aí os caras falaram:

— Esse homem é bobo. É de falar: Deus que desaparta.

Aí ele disse:

— Já sei; Deus que desaparta.

Ele encontrou uns noivos casando e falou:

— Deus que desaparta.

E o povo falou:

— Esse homem é bobo. É de falar: Parabéns.

E lá na frente ele encontrou uns homens conversando:

— Justamente, perfeitamente, é lógico.

E o bobo falou:

— Agora já sei.

Lá, ele encontrou uns matando os outros, e a polícia chegou e falou:

— Foi você quem matou este homem aí?

O bobo falou:

— Justamente.

— E você tem este coração mal?

E ele:

— Perfeitamente.

A polícia falou:

— Você vai para a cadeia.

E ele falou:

— É lógico.

Dois Bodes Brigavam

Era uma vez, dois bodes que brigavam, e o leão queria resolver o problema deles, e então chegou e perguntou:

— Por que vocês dois estão brigando?

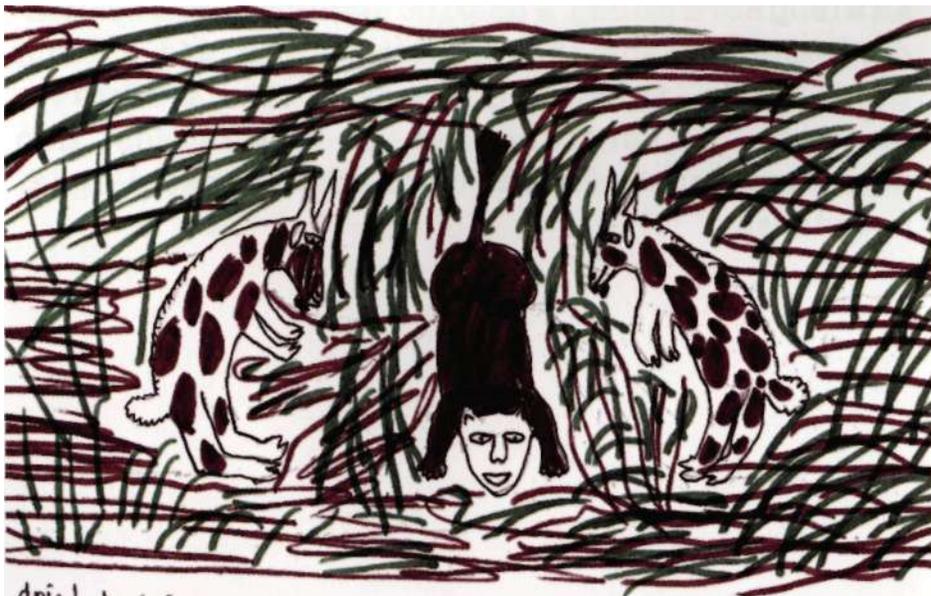
E eles responderam:

— É porque nós estamos tentando dividir um pedaço de terra.

E mandaram o leão ficar no meio deles dois para ele mostrar o lugar onde eles queriam dividir. Empinaram os dois e bateram os chifres no leão, que saiu todo machucado e saiu andando.

Quando chegou na frente, encontrou uma porca parida com os leitõezinhos. A porca, com medo do leão comer ela e os leitõezinhos, mandou eles pedirem a benção ao leão, chamar ele de padrinho, e o leão prosseguiu a viagem.

Quando ele chegou mais na frente, encontrou uma égua e foi cumprimentá-la, mas quando ele deu a mão à égua, ela bateu os pés nele. Ele saiu e falou que nunca mais ia resolver problemas de bode, ser padrinho de leitão e nem cumprimentar égua.



A mãe d'água, Uíara

Sabemos das ações de Uíara por meio de muitas lendas: conheça uma delas. Dizia-se que numa paragem longínqua do Brasil, havia uma serra diferente das outras. Dizia-se que essa tal serra era toda verde, por ser de esmeralda toda ela. Os rios próximos, lagos, areias, os pássaros, as nuvens, até o próprio luar, tinham tons esverdeados por causa dos reflexos verdes da serra.

Esta serra maravilhosa ficava às margens da lagoa de Vaparuçu, longe, muito longe.

As pedras verdes eram os cabelos de Uíara, a mãe d'água.

Uma linda sereia de cabelos verdes e olhos azuis profundos. Possuía um palácio encantado e atraía, com seus lindos olhos e com sua linda beleza, todos os que a viam. Ela arrastava-os para as profundezas do mar. Nós não queríamos que a Uíara, chamada de mãe d'água, acordasse.



História dos dois compadres

Uma certa vez, dois compadres, tinha um deles que não gostava de dar almoço, se estivesse na hora de almoçar. Não dava comida para ninguém. Aí o compadre, um dia, resolveu sair por aí bestando com uma espingarda.

— Quem sabe se eu não mato uma caça.

E, nesse tempo, a caça era muito difícil, e o compadre era bem pobrezinho, não tinha nada. O outro era ricão, tinha gado, coisas de comer. Foi andando, andando, até que não estava agüentando mais de fome, e nada de caça. Aí ele falou:

— Meu compadre não gosta de dar almoço pra ninguém, mas vou jogar uma nele que ele vai me dar comida.

Foi para lá, caminhou, caminhou até chegar na casa do compadre, e o ricão ainda não tinha almoçado.

— Ô, compadre, tá bom? Tudo bem? O compadre me arrume um copo d'água, por favor, que já estou pra morrer de fome e sede.

O ricão trouxe a água para ele, ele bebeu e ficou esperando o compadre chamar para almoçar, e quando ele viu que o compadre não ia chamar, ele falou:

— Será, compadre, que a gente, estando com fome e bebendo água e saindo logo, tem algum perigo?

O compadre falou:

— Não, se sair logo, não tem nenhum perigo.

O tatu e a raposa

A raposa encontrou com o tatu e o cumprimentou, dizendo:

— Bom dia, amigo Tatu.

E o tatu respondeu assim:

— Eu me chamo é Cajueiro-peba, espada de meia-légua, tu não faz de besta, égua.

Um belo dia o tatu simplesmente encontrou com ela e disse:

— Bom dia, amiga Raposa.

E ela, já nervosa, por causa da decepção que já tinha levado, respondeu assim :

— Eu me chamo Rainha-das-coisas. Me respeita, corno.



O neguinho do pastoreio e o fazendeiro cruel

Era uma vez, um neguinho que era escravo de um fazendeiro cruel. O neguinho era afilhado de Nossa Senhora. Certo dia, em que o neguinho pastoreava no campo, trinta cavalos se assustaram e fugiram para longe. Já era tardezinha, quase noite, e o neguinho tentava juntar os cavalos com medo do fazendeiro ficar bravo.

Sempre que o neguinho não dava conta do serviço, o fazendeiro dava-lhe uma surra e o deixava de castigo sem comer. Já era noite, o neguinho acendeu uma vela e foi procurar os cavalos, pedindo sempre ajuda à sua madrinha, Nossa Senhora. Logo em seguida, ele conseguiu reuni-los.

Numa outra vez em que o neguinho estava juntando os cavalos, o filho do fazendeiro espan-tou-os de propósito. Como era de costume, espan-tava os cavalos para que o neguinho tornasse a juntá-los.

O fazendeiro, que era muito cruel, bateu no neguinho até matá-lo, depois jogou num formigueiro para que seu corpo fosse devorado pelas formigas.

Depois de algum tempo, o neguinho foi visto vivo e feliz num cavalo em pêlo e sem rédeas.

O fazendeiro viu o neguinho montado, achou aquilo esquisito, pois tinha jogado o corpo no formigueiro para que fosse devorado pelas formigas.

Mas o neguinho foi muito feliz, pois sua madrinha lhe protegia.



O tatu

A Iaiá Cabocla, ela se transforma em vários animais, onça, sapo, tatu etc.

Um dia, o fazendeiro estava querendo invadir nossas terras e falou que tinha que tomar nossas terras, e saiu. Quando ele chegou em Missões, no meio da estrada, de longe, ele enxergou um tatu.

Ele falou:

— Eu vou matar aquele tatu.

Ele foi para pegar nele, mas quando ele abaixou para pegar, só achou o lugar. Desse dia em diante, ele começou uma febre com frio, e ficou de cama. E não demorou, ele morreu.

Ele ficou com medo. Antigamente, os índios eram perseguidos pelos brancos.

O macaco e a onça é a filha da onça O. K

Era uma vez a onça, perseguia o macaco e certo dia, ela pegou ele e prendeu em um poleiro. E foi convidar suas amigas para comer a farofa do macaco. E quando a onça viu a Maria que era a filha da ~~onça~~ ^{onça} foi cortar a lenha e quando ela estava cortando o macaco pediu:

- Me solte Maria que eu corto a lenha para você.

E ~~foi~~ Maria falou eu não solto porque você vai embora e minha mãe me bate. Se ele falou pode me soltar porque eu corto a lenha e terno voltar para o poleiro. Se ela soltou o macaco, e ele começou a cortar lenha, e Maria que estava pegando a lenha que tinha sido cortada. O macaco chamou o machado matando ela. E depois cortou em pequenos pedaços e cozinhou fazendo uma boa farofa depois de tudo pronto o macaco pegou um pilão e colocou em cima de uma cama e embrulhou com um cobertor.

E quando a mãe de Maria chegou chamou:

- Maria ô Maria, mas não respondia.

Se a onça falou vamos procurar onde está a farofa do macaco e achou em uma panela uma gostosa farofa. E ela colocou a comida para ela e suas amigas. E o macaco escondeu por de trás de uma panela e quando elas acabaram de comer toda farofa o macaco disse:

Macaco na janela e Maria na panela.



Cilene
A. Dos
Santos

Jeca Tatu

O Jeca era um homem muito pobrezinho, e só dava para beber pinga. Os pés dele eram muito grandes. Quando foi um dia, ele levantou cedo e foi catar coco; depois voltou e foi tomar pinga.

Quando foi um dia, ia passando um vizinho do Jeca e ele estava deitado. O vizinho falou:

— Jeca, como você não faz igual o vizinho italiano? Compre veneno pra matar formigas nos sítios e planta muita lavoura.

O Jeca respondeu:

— Quá, não paga a pena! Só paga beber pinga.

Depois de um dia, o Jeca teve uma idéia, resolveu caçar remédio para deixar a pinga.

Arranjou os remédios e foi tomar. Tomou, tomou até deixar de tomar pinga. Depois disso, ele colocou uma grande roça.

Um certo dia, o Jeca estava trabalhando na roça, e por aí mesmo o italiano ia passando, e falou:

— Pra que tanta roça, Jeca?

O Jeca Tatu respondeu:

— Eu quero ganhar os meus tempos perdidos.

O Jeca falou que depois que ele deixou de beber melhorou de situação, tinha bastante criação, fez uma casa boa, comprou um carro, andava no carro com a esposa e os filhos.

O Jeca Tatu agradeceu muito a Deus de ele ter bebido o remédio e ter melhorado. Agora o Jeca Tatu está gordo, bom de situação, chega a estar matando onça de morro.

A onça e o coelho

A onça ia para a festa e chamou o amigo Coelho para ir com ela. O amigo Coelho disse que estava com o dente doendo e não ia. Mas a amiga onça implicou:

— Vamos, amigo, vamos...

O amigo Coelho decidiu:

— Então vamos, mas assim, se deixar eu ir montado em você. Aí a amiga Onça falou:

— Então eu levo. Pode arriar.

Depois o amigo Coelho arriou ela. Depois de arriada, o amigo Coelho pegou a espora e colocou no pé. Aí a amiga perguntou:

— Pra que as esporas, amigo Coelho?

— É pra tinir, para não cochilar.

Depois o amigo Coelho pegou o chicote, colocou no braço. A amiga quis desconfiar e perguntou:

— Prá que esse chicote, amigo Coelho?

— Pra espantar os mosquitos em meus olhos.

O amigo Coelho montou e saiu devagarinho.

A amiga Onça começou a andar ligeiro, e o amigo Coelho falou:

— Amiga Onça, não anda ligeiro, senão meu dente dói, anda devagarinho...

Quando chegou pertinho da festa, o amigo Coelho riscou a espora nela, até chegar na festa.

Depois chegou lá. O amigo Coelho pulou no chão duma vez, e a onça ficou lá amarrada no pau. O amigo Coelho foi participar da festa, com outros amigos.

Quando chegou a hora de voltar, o amigo Coelho deu um jeito, tornou a montar. Chegou as esporas, chegou as esporas. Chegou no lugar onde ele pegou ela.



Ele pulou no chão e largou ela lá. Depois ela foi perseguir ele, e falou:

— En, amigo Coelho, eu te pego, nem que seja na bebida.

Deste dia, o amigo Coelho ficou esperto. Foi no mato, tirou uma abelha, tirou o mel, e lambuzou o corpo, enrolou nas folhas e desceu pra bebida.

Chegando lá, a onça já estava esperando, mas, como o coelho estava cheio de folhas, a onça não o reconheceu e perguntou:

— Amigo Folhaço, você não viu o amigo Coelho por aí?

E ele:

— Não, faz tempo que o vi.

E bebeu, bebeu, mas assim, um de lá, outro de cá, bebendo juntos. Depois, o folhaço saiu e, quando estava lá longe, gritou para a onça:

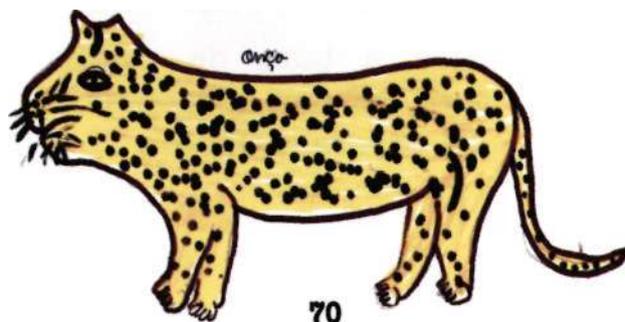
— Amiga Onça, o coelho sou eu!

E ela:

— Ah, meu bichinho, eu te pego, não tem pra onde você ir.

Quando foi um dia, ele tornou a enganá-la, e encontraram-se na bebida. Ela distraiu e ele entrou no buraco. A onça deixou o amigo Sapo vigiando, enquanto ia em casa pegar uma cavadeira.

— Você vai vigiando ele aí. Se deixá-lo sair, eu te mato!



Mas o coelho teve uma idéia pra enganar o sapo. Ele representava para o sapo, sempre mastigando. O sapo, que era ambicioso, perguntou:

— O que você está comendo, amigo Coelho?

E ele:

— Estou comendo farinha. Vou jogar um pouquinho pra você: abra bem as mãos, os olhos e os braços para aparar, porque eu não posso sair.

E encheu as mãos de terra, jogando nos olhos do sapo. Enquanto o sapo tirava a terra dos olhos, ele saiu fora e fugiu. Quando a onça chegou, perguntou:

— E aí, amigo Sapo, o amigo Coelho está aí?

— Está sim, pois eu não vi ele sair!

A onça, para ver se estava mesmo, cavou o buraco, cavou, cavou e, já desconfiada, falou:

— Amigo Sapo, você não vai sair daqui até eu terminar.

Quando deu no fim do buraco, e ela, não vendo o coelho que havia fugido, pegou a perna do sapo e falou:

— Pois, agora, quem vai pagar é você, que o deixou fugir. Vou jogá-lo no fogo!

E o sapo, apavorado, gritava:

— Não me jogue no fogo, amiga Onça, me jogue na água. A onça, perdendo a paciência, não sabia se o jogava no fogo ou na água.

Finalmente, ela resolveu e o jogou na água.

Depois, já dentro da água, ele gritou:

— Ô, bicho besta, era isso mesmo que eu queria, pois eu sou mesmo da água.

A onça, que ainda estava perto, segurou-lhe a perna, mas o sapo tornou a fintá-la, dizendo:

— Você segurou foi um pedaço de pau.

E ela, desapontada, falou:

— Um ou outro vai ter que me pagar!

Quando foi um dia, encontraram-se a onça e o coelho. E, para se ver livre dela, ele disse:

— Amiga Onça, eu vou fazer um presente para você, mas você pretende saber agora?

— O que é? Perguntou.

— É um boi, para você comer e não me perseguir mais.

— Hoje não posso, mas amanhã eu levo. Mas se você ouvir gritar, sou eu quem vou tocando o boi.

Cheio de travessura, o coelho subiu em cima da serra, caçou a maior pedra e falou para a onça:

— Pica de braços abertos, olhos fechados e boca aberta.

E assim mesmo ela ficou.

— Lá vai o boi, amiga Onça.

E jogou a pedrona na onça e a matou.

O coelho e a raposa

Era uma vez um homem que gostava de plantar roça. E até chegar o tempo, ele plantou uma roça que deu muito boa e o amigo Coelho descobriu de quem era. E todos os dias, ele vinha comer na roça. Quando foi um dia, o coelho foi para a roça e na estrada encontrou a amiga Raposa e chamou-a para ir com ele. Ela foi, mas o amigo Coelho falou:

— Amiga Raposa, não vai comer muito, porque senão você não cabe na porteira.

Muito bem! Chegando lá, eles foram comendo, comendo, e a raposa, que era ambiciosa, comeu muito. E não coube na porteira. O amigo Coelho falou:

— Amiga Raposa, vamos embora? Porque se a gente ficar mais tempo, o homem pegará nós aqui, e, se ele nos pegar aqui, ele vai nos matar.

Depois os dois saíram, num gesto muito ligeiro. Mas quando passou na porteira, o coelho passou e a raposa não passou.

Mas porque a amiga Raposa não passou? Porque a barriga estava cheia. O coelho falou:

— Amiga Raposa, deita no chão e faz que está morta. Aí o homem pega você e joga fora e você sai correndo pra nós irmos embora. E eu vou esconder aqui na mata.

Pouco tempo depois, lá vem o homem olhar a roça, chamou os cachorros e lá se foi. Quando chegou, viu a raposa caída na porteira, e falou:

— Sua bichinha, é você quem está comendo aqui? E por isso não morreu, fingindo de morta.

O homem falou:

— Vou tirar daqui de dentro da minha roça.

E jogou fora! Ela caiu do outro lado da roça.

Quando o homem foi embora, a raposa levantou e saiu correndo e chamou o amigo Coelho. Quando chegaram bem longe, a raposa chamou o amigo e falou:

— Vamos tratar de ser compadres?

E abraçou ele, dizendo:

— Amigo Coelho, obrigado pelo que você me fez, me livrou da morte.

E até hoje eles são compadres.

Cilene
G



Redemoinho

No tempo dos antigos, aconteciam muitos redemoinhos fortes. Que carregavam até roupa das pessoas. Aí disse que, uma vez, tinha uma mulher que se chamava Maracajó, e ela era mãe solteira. Tinha uma criancinha de um ano e não gostava do filho.

Aí veio um vento, com um redemoinho tão forte, que o povo correu pra dentro das casas e o redemoinho passou no terreiro da casa da Maracajó. Aí ela jogou a criança pela janela da casa e falou:

— Redemoinho, Saci-pererê! Leva, que esse aí é para você.

Aí uma vizinha, que era madrinha da criança, viu aquela coisa tão branquinha, no meio daquele redemoinho, chamou o marido e falou:

— Olha lá, que coisinha tão alvinha!

E perguntou para ele:

— Será que é o Saci?

Aí o marido respondeu:

— Que Saci, que nada. Deus nunca deixa a gente ver aquele sacerdote tão feio, de uma perna só, gorro vermelho na cabeça e cachimbo na boca, que eu tenho até medo de lembrar. E ele não é branco, ele é preto.

Aí a mulher ficou triste e falou:

— Aquele vai ser o meu afilhado. Minha comadre falou que ela ia dar ele para o sacerdote.

Aí ela gritou, com uma toalha na mão:

— Saci-pererê, você é um sacerdote. Some daqui, para mais nunca. E deixe o meu afilhado cair aqui. Cai, cai, cai! Aqui, anjinho, porque você é abençoado.

Quando a criança caiu, já era um beija-flor.

História de quando começou o mundo

Quando começou o mundo, tinha uma mulher sozinha, que morava no deserto, sem vizinho e sem ninguém, nem parentes. E onde ela morava, tinha bicho-homem.

Quando entrava a noite, ela ficava gritando alguém para dormir com ela, porque ela estava com muito medo de ficar ali sozinha.

Um dia, ela gritou, e o bicho-homem respondeu assim:

— Vai eu!

Ela tornou a gritar:

— Quem quer dormir mais eu?

Ele respondeu de novo:

— Vai eu!

E assim continuavam todos os dias, até que um dia o bicho acertou com a casinha dela.

Ele chegou e bateu na porta. Ela tinha uma cachorrinha muito valente que começou a latir, mas ele continuou batendo na porta.

A mulher abriu a porta. Quando ela olhou, quase desmaiou de medo dele. Ele tinha os dentes muito grandes. Ela perguntou:

— Para que esse dentão tão grande?

Ele respondeu:

— Pra te morder.

Ela perguntou:

— Pra que essa unhona?

Ele falou:

— É pra te unhar.

E ela foi ficando com muito medo dele. Aí perguntou:

— Pra que essa bocona?

Ele falou:

— É para te comer.

E pulou nela. Ela saiu correndo e entrou numa bruaca. Ele engoliu a bruaca com a mulher dentro.

No outro dia, ele fez cocô. A mulher ainda estava viva e saiu correndo e foi embora.

Didaktinė Korielė



A aranha

A aranha ia caminhando no quintal de sua casa, e pisou na neve e perguntou:

— Neve, que poder você tem de prender meus pés?

E ela respondeu:

— O poder que eu tenho é que o sol me derrete.

Depois, ela foi ao sol e perguntou:

— Sol, que poder você tem que derrete as neves e a neve amarra os meus pés?

O sol respondeu:

— É muito poder que as paredes me basta.

Aí ela foi à parede e perguntou:

— Parede, que poder que você tem que embaça o sol?

E ela respondeu:

— É muito poder que o rato me rói.

E ela foi até o rato e perguntou:

— Rato, que poder que você tem que rói as paredes?

— É muito poder que o gato me pega.

Aí foi ao gato e perguntou:

— Gato, que poder que você tem que pega rato?

— É muito poder que o cachorro me pega.

Aí foi ao cachorro e perguntou:

— Cachorro, que poder que você tem que pega o gato?

O cachorro foi ao gato e perguntou:

— Gato, que poder você tem que pega o rato?

— É muito poder que o rato rói a parede e a parede basta o sol e o sol derrete as neves e as neves amarram seus pés.

Perguntou ao homem:

— Que poder você tem que mata o cachorro e mata o gato?

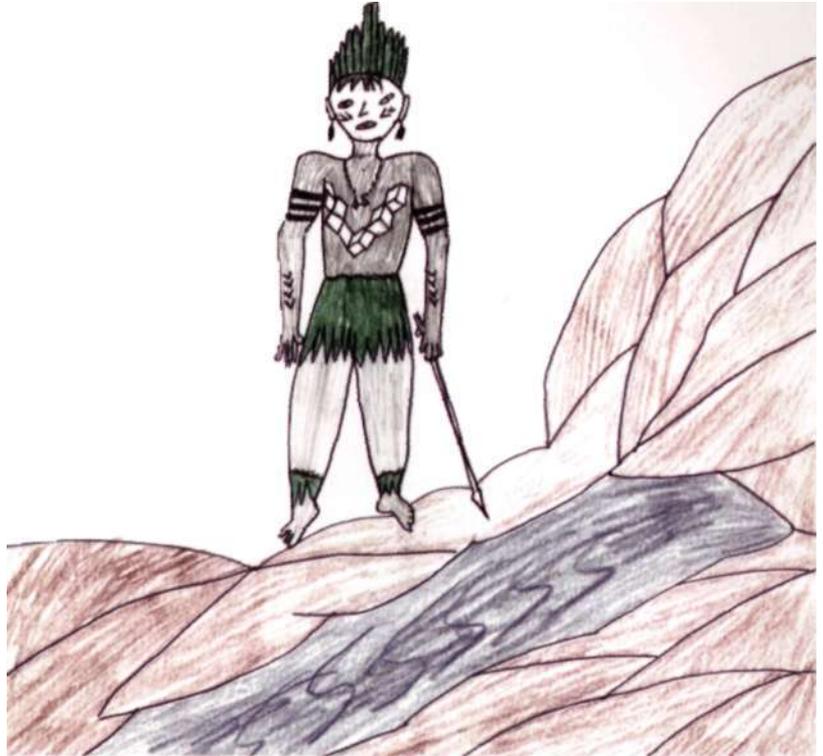
O homem respondeu:

— É muito poder..

A aranha foi, perguntou:

— Deus, que poder você tem, que mata o homem, o homem mata o cachorro, o cachorro mata o gato, o gato mata o rato, o rato rói a parede, embaça o sol, derrete as neves e as neves prendem meus pés?

— O poder que eu tenho é que mato vocês todos.



Se os índios não usassem colares, pinturas, cocares, ficavam todos como brancos.

Mas não é bem assim, o que vale mesmo é a história.

Se não tivesse história, não existia índio. Então, se existe a história, é porque nós somos índios. Nós não falamos a nossa língua, mas estamos correndo atrás disso.

Na nossa área Xacriabá, tem muita gente mais velha. Sabem falar a língua. Então, com isso, nós poderemos recuperar a nossa língua.

PARTE III

Histórias dos antepassados

M

inha mãe me contou uma história muito antiga que, de primeiro, os povos velhos gostavam de comer várias raízes e folhas de árvores. Por exemplo, folha de cariru, raiz de umbu etc.

Os povos velhos antigos eram muito sabidos. Na época deles não existia milho, só mandioca. Eles cortavam uma casca de árvore áspera para ralar a mandioca. Esta árvore nós conhecemos até hoje, que é o angico.

Naquela época, não existiam as sementes que tem agora. Só existiam o milho maroto, o preto e o branco. Agora é a semente do feijão da ronca, feijão vagem roxa e o carioca preto.

Existiam também o feijão catador e o de corda. O catador era o feijão roxo e o feijão de corda era o feijão pau, sobe-pau, barrigudo e paquim-pimenta. E o feijão mangalô, preto e branco.

Agora é a semente de arroz. Era o arroz amarelo guapo e chemanguim. Essas sementes eram muito boas, porque se plantava no seco e no brejo. Todas saíam. Agora é que não sai mais, porque as chuvas encurtaram.

Antigamente, os índios só viviam de artesanato. Não existia isqueiro. Quando eles queriam acender fogo, pegavam uma pedra, ajuntavam um matinho de bucha de peneira, colocavam em cima de uma pedra grande e batiam uma pedra na outra com força e o fogo acendia. Depois eles colocavam lenha. Ali assavam tatu, mandioca, batata etc.

Para fazer farinha de mandioca, eles tiravam casca de angico para ralar e lasca de aroeira para raspar. Tiravam cordas de imbiruçu para fazer tipitir para espremer a massa e para torrar a farinha. Tinham um tacho de barro e o beiju assavam em cima de uma pedra. Colocavam fogo em cima da pedra. Quando estava bem quente, eles tiravam o fogo e a cinza e colocavam a massa e faziam o beiju.

Assim que viviam os índios antigamente, na história que minha avó conta.

E

tinha a semente de batata roxa e a rainha. Semente de mandioca castelão, que era pra fazer farinha e tapioca pra fazer o beiju e o biscoito. E a mandioca mansa e a manteiga. Estas mandiocas servem para comer cozida e cortada com feijão.

As sementes de bananas eram só de bananas roxas: São Tome e naniquinhas. As sementes de abóbora eram só a jacaré e a japonesa.

Tinha as sementes de melancia comum, que era a melancia preta e a branca. E a semente do quiabo era só o chifre-de-veado. E o algodão era só a semente de algodão crioulo e o algodão maranhão.

Os índios antigos falavam assim:

— Vamos plantar mais algodão crioulo, que é mais inteiro que o maranhão e mais quebrado, limpão.

Meu pai contava que, antigamente, as pessoas não gostavam muito de trabalhar no roçado. Ele contava que meu avô, que era pai dele, não gostava de trabalhar, ele gostava era de caçar animais no mato para o sustento da família. Caçava todos os dias.

Mas, nessa época, existiam muitos animais, não tinha quase desmatamento e queimadas. Então, agora, se a gente não trabalhar no roçado, não tem jeito mais de sustentar a família, não tem quase animais de caça na área indígena.

Quando eu era pequeno, meu pai saía comigo e com meus irmãos e atravessava um morro alto que, do outro lado, se chamava Custódio.

Então, nessa época, que meu pai me levava para a caça de animais, só existiam tamanduás, que nós chamamos de bandeira, e o michita, a cutia, o veado, a paca etc.

Contam meus avós que antigamente os índios viviam todos pelados. Só usavam suas próprias roupas de dança.

Quando chegava o final de semana, eles preparavam seus próprios remédios para levar ao terreiro.

Picavam sábado e domingo cumprindo ordem. O remédio necessário que eles usam é a "bucha ou raspa de jurema, que é uma árvore muito sagrada, usada em caçadas de animais para ter mais sorte.

Contam meus avós que a dança Toré é um segredo muito escondido.

Quando estiver dançando, ficam todos silenciosos, chegam até a ter o poder de conversar com nosso pai Tupã.

Até 1950, mais ou menos, o casamento era diferente de agora. Os rapazes só viam a moça quando começavam a namorar. Aí, agora, pronto: não a viam mais nunca. No dia em que o rapaz ia na casa da moça, os pais não deixavam eles se encontrarem.

As moças, quando viam os rapazes chegando, corriam, escondiam dentro dos quartos. Com vergonha, aquelas que não corriam ficavam espiando nos buracos das paredes, nas frinchas das janelas.

O rapaz, de vez em quando, freqüentava a casa da moça, mas só que não adiantava nada, porque nem a cara dela ele via.

E tinham as mostras de casamento. Se tivesse uma moça bem bonita, aquela era a mostra das outras. No dia em que o rapaz pedia o casamento, o pai da moça apresentava esta moça bem bonita, aí o rapaz ficava doidão:

— Se for aquela ali, eu estou bonito.

Ele ficava todo fofo. Quando dava no dia do casamento, o pai levava uma das mais feias. O rapaz ficava todo triste, mas... fazer o quê ?

M

eu pai contou que o pai dele trabalhava em uma fazenda, e não ganhava nada, somente a comida. Enquanto ia cuidar do gado da fazenda, seu pai falava:

—Vão, meus filhos, trabalhar também, porque cada um de vocês vai arrumar o que comer.

Então meu pai era criança e ia.

Quando chegava lá, eles colocavam meu pai para ajudar na fabricação de açúcar, para ganhar a comida. E as irmãs iam cuidar das crianças e ajudar no serviço da casa. No dia em que eles saíram de lá, tiveram que sair escondido porque senão o fazendeiro ia persegui-los. Quando meu pai chegou, casou com minha mãe, que morava em Xacriabá.

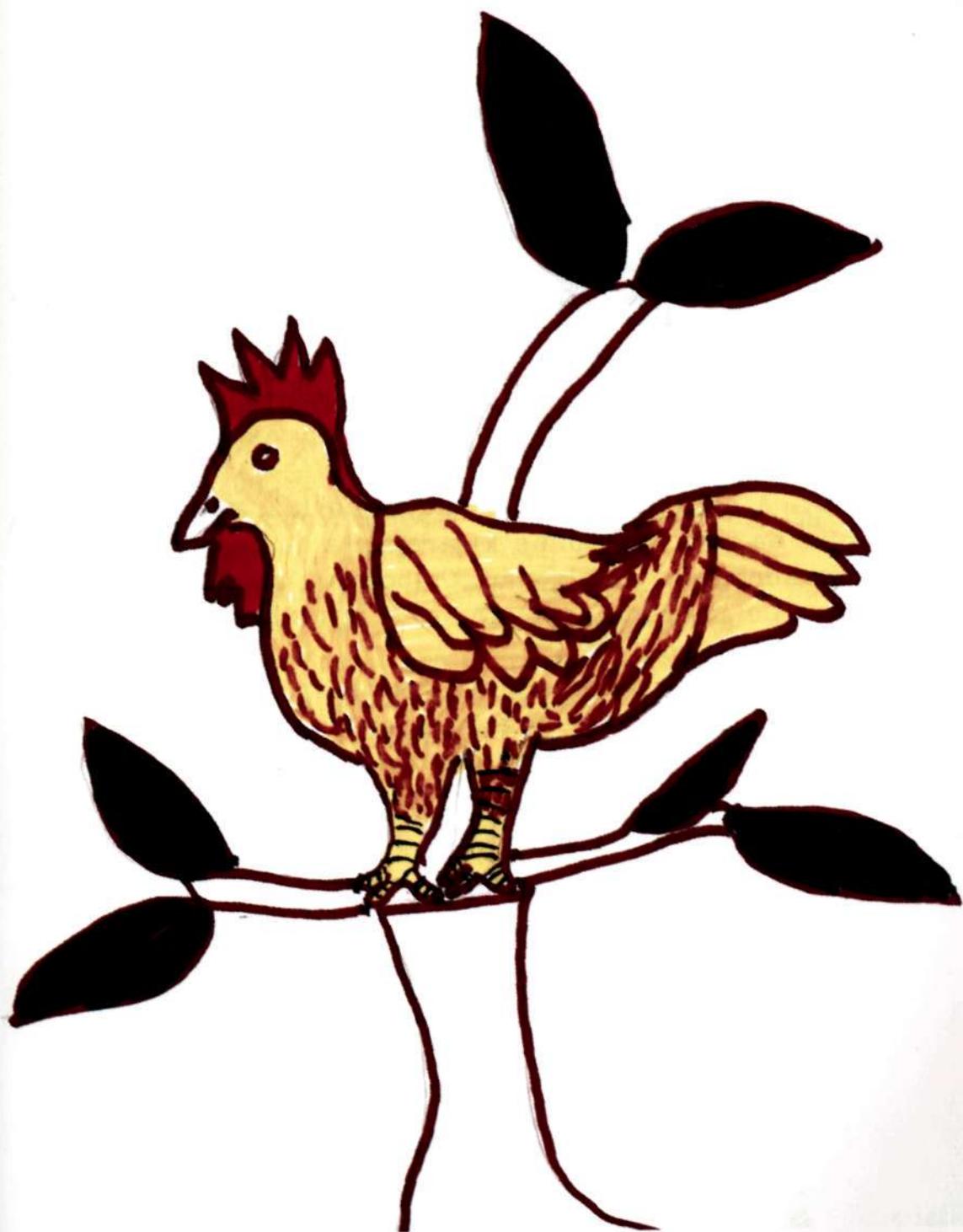
O meu pai contava que, no tempo dele pequeno, as coisas eram diferentes. A roupa de vestir era feita assim: fiava o algodão na roda e tecia o pano, depois tintava de tinta de pau chamado muçambé. Fazia uma camisa bem comprida, e vestia sem a calça.

O transporte era com carro de boi ou cavalo. Vendiam algumas coisas, trocando a troco de outras para o seu alimento. Gastavam dois ou três dias para chegar na cidade.

Nos antepassados da minha mãe e do meu pai, a vida era muito difícil e diferente.

Meus pais falavam que escola, principalmente, quase não existia. As crianças cresciam e iam trabalhar na roça junto com o pai.

Eu e meus irmãos, para começarmos a aprender, quando éramos pequenos, meu pai colocou um professor dentro de casa para nos ensinar, porque a escola não tinha prédio próprio. Hoje, escola, tem em quase todas as aldeias, com prédio próprio.



Meu pai contava que, no tempo de criança, eles brincavam, cantavam na beira de um fogo que era feito à noite.

A casa era grande, não tinha luz, usavam o óleo da mamona com a xícara feita de barro e um puxador feito de algodão. Colocavam um pouco de óleo de mamona, o puxador e acendiam. A luz era muito boa.

E o pai dele ensinou a conhecer muitos tipos de raízes e a fazer benzimentos.

Meu pai sabe fazer isso até hoje.

Meu pai contou para mim que existiam muitos e muitos animais, na época em que ele era pequeno. Que existia paca, tatu, antamateira, moco, onça, veado, cacheiro, caititu, tatu-canastra, cutia, tiú.

Ele conta que o tatu-canastra pesava mais de 40 quilos, os menores pesavam uns 25 quilos e no casco deles cabia uma quarta de milho. Esses eram os grandes. Nos pequenos, cabiam de meia quarta a 15 pratos.

Antes, nós vivíamos uma vida bem mais fácil e melhor, porque chovia mais, a nossa terra era mais rica em matéria orgânica, não havia muita erosão. As coisas eram bem mais fáceis e a gente vivia uma vida bem mais tranqüila, quase tudo era produzido pelas roças que a gente plantava.

Nós plantávamos o milho, feijão, arroz, algodão, mamona, cana-de-açúcar etc, e tudo dava com a maior facilidade.

A gente só ia nas cidades vender algumas coisas para comprar outros produtos igual a café, sal querosene etc. O restante todo a gente plantava aqui mesmo na roçada.

Então, antes era bem melhor, a gente dependia pouco do comércio das fábricas. Hoje, tudo ficou mais difícil: nossas terras ficaram mais pobres, estão ocorrendo muitas erosões, chove pouco, nós trabalhamos muito para colher pouco.

A dificuldade é demais, cada dia que passa as coisas mais difíceis ficam, quase não colhemos nada porque as plantações morrem com o sol. O restante que fica os insetos destróem.

Vocabulário Xacriabá

Aiató dadamá olho
Amiotsché-banana
Angrata-avó e **avô**
Bacotong /Bicong-filha
Balozinha-menina/mulher
D'agrí-mulher
Estragó-sol
D'ateà-perna
D'atohá-boca
corne kané-arco
Cudaió-criou-tamanduá bandeira
Cudaió-porco do mato
Ukú-onça
Inscgiutú-tio
Lavazar/manãmam -fumo
Nhionosso-cacau
Ingrá-filho
Etiké-flecha
D'agrang-cabeça
D'ahaschi-cabelo
Goabsang-cão
Grí-casa
Oaitomorum-estrela
Oá-lua
Oté-árvore
Kupaschú-farinha
Kuú-água
Kutsché-fogo
Nchatari-mãe
Notsché-milho.
Mamang **pai**
Churer-anta

MEC

